

CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

O papel dos estereótipos de gênero na leitura e no processamento de frases em Português Brasileiro (PB)

Maria Carolina Minor Conci

M

2024



Maria Carolina Minor Conci

O papel dos estereótipos de gênero na leitura e no processamento de frases em Português Brasileiro (PB)

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pelo(a) Professor(a) Doutor(a) Juliana Novo Gomes e coorientado pelo Professor Doutor Márcio Martins Leitão.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Dedico aos meus pais, Norma e Abel, minha irmã, Lília e ao meu amor, Martin.

Sumário

Declaração de honra.....	5
Agradecimentos.....	6
Resumo.....	7
Abstract.....	9
Índice de Figuras.....	11
Índice de Tabelas (ou Quadros).....	12
Índice de Gráficos.....	13
Lista de abreviaturas e siglas.....	14
Introdução.....	15
1. Estereótipo.....	18
1.1. Estereótipo de gênero.....	19
1.2. Estereótipo de gênero nas línguas.....	20
1.2.1. O estereótipo de gênero no português do Brasil.....	22
2. Estereótipo de Gênero e Processamento Correferencial.....	23
2.1. Correferência no processamento de frases.....	23
2.2. Correferência no processamento de frases com estereótipo de gênero.....	29
3. O Estudo.....	33
3.1. Metodologia (<i>self-paced reading</i>).....	34
3.2. Estímulos.....	41
3.3. Participantes.....	43
3.4. Procedimentos.....	43
3.5. Análise.....	46
Resultados.....	47
Discussão.....	52
Considerações Finais.....	57
Referências Bibliográficas.....	60
Anexos.....	64

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

I hereby declare that this dissertation is of my authorship and has not been used previously in another course, degree, curricular unit or subject, at this or any other institution. References to other authors (statements, ideas, thoughts) scrupulously respect the rules of attribution and are duly indicated in the text and bibliographical references, in accordance with the rules of referencing. I am aware that the practice of plagiarism and self-plagiarism is an academic offense.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (*chatbots* baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da presente dissertação, encontrando-se todas as interações (*prompts* e respostas) transcritas em anexo.

I further declare that I have not used generative artificial intelligence tools (chatbots based on large language models) to carry out part(s) of this dissertation, and that all interactions (prompts and responses) have been transcribed in the annex.

Porto, 13 de setembro de 2024

Maria Carolina Minor Conci

Agradecimentos

Escrever é uma experiência um tanto solitária, cujo momento nos faz mergulhar em nossos próprios pensamentos. No entanto, a pesquisa e a organização das ideias, que antecedem o ato de escrever, são muitas vezes realizadas em conjunto com outras pessoas e, sou profundamente grata a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização e conclusão desta extensa jornada.

À minha professora orientadora, Professora Doutora Juliana Novo Gomes, por quem tenho grande estima e admiração, agradeço muito pela disponibilidade, pelas trocas, pela confiança, pelas palavras de incentivo durante o período, tanto durante as aulas quanto no período de escrita. A sua orientação cautelosa, suas reflexões, correções e críticas construtivas, de forma sempre atenciosa e querida, foram fundamentais ao longo de todo o percurso.

Ao meu professor coorientador, Professor Doutor Márcio Martins Leitão, agradeço pelas trocas valiosas, sugestões, palavras de estímulo e por, generosamente, compartilhar suas indicações bibliográficas.

Aos meus amados pais, Norma e Abel, agradeço o apoio incondicional prestado durante todo o período do mestrado (e durante todos os outros momentos também!). Obrigada por sempre me dedicarem amor, zelo e compreensão. Obrigada por sempre acreditarem em mim e por incentivarem meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Vocês são meu tudo, minha força e minha maior inspiração!

À minha amada irmã Lília, àquela com quem aprendi o valor da amizade e da leitura, ainda quando pequena. Obrigada por sempre acreditar em mim, especialmente quando, muitas vezes, nem eu acredito. Obrigada por sempre se fazer presente, mesmo quando estávamos a quilômetros de distância.

Ao meu marido, meu amor, meu parceiro de vida, Martin, agradeço por tudo. Pela paciência, pelas palavras de incentivo e apoio, pelo amor dedicado e pelos abraços demorados. Obrigada por ser meu equilíbrio, meu porto seguro e por caminhar ao meu

lado. Obrigada por ter mudado para Portugal e retornado ao Brasil, sempre com boa vontade e com a certeza de estarmos sempre fazendo a melhor escolha. Obrigada pela compreensão durante todo o percurso, por ler meus textos, por me fazer rir e tornar meus dias mais leves. Eu te amo!

Às minhas amigas, Ana Gabriela e Katia, minhas parceiras, agradeço a amizade. Aos amigos tão queridos que fiz durante a estada em Portugal, Nathalia, Caio e Rita, agradeço pela amizade, pelos momentos alegres (e os nem tanto), pelas trocas de experiências e por terem se tornado família. Ao meu cunhado, Daniel, agradeço pela torcida e pelas palavras de incentivo.

Aos meus colegas de curso e a todos que, de certa forma, participaram e dedicaram palavras de incentivo durante a realização desta pesquisa.

Resumo

O presente trabalho visa contribuir para a literatura sobre o processamento correferencial anafórico em Português Brasileiro (PB). Para tal, realizamos um estudo que investiga a resolução anafórica em PB manipulando as relações semânticas estabelecidas entre a anáfora e o antecedente através dos estereótipos de gênero.

Através de um estudo de leitura automonitorada (*SPR*) de estruturas frásicas com a ordem subordinante/subordinada, do tipo (i) João viu Maria *enquanto ela vestia a saia*, investigamos a preferência dos falantes ao retomar anáforas em posição de objeto sob o viés do estereótipo de gênero. O principal objetivo foi verificar se informações extralinguísticas, como o estereótipo de gênero, era capaz de interferir no processamento anafórico sintático.

Foram comparadas frases, como (i), em que o estereótipo de gênero não interfere com a retomada do nome, DP objeto, e frases, como (ii) João viu Maria *enquanto ela fazia a barba*; em que o estereótipo contradiz a retomada do objeto e, frases neutras, como (iii) João viu Maria *enquanto ela escovava os dentes*, num quadrado latino com seis (6) condições cruzando as variáveis: sexo do DP objeto (masculino x feminino) x gênero do pronome anafórico (ele ou ela) x estereótipo de gênero (masculino x feminino x neutro). Na primeira oração foram sempre introduzidos dois nomes próprios com funções sintáticas diferentes e gêneros diferentes, um sendo o sujeito e o outro, o objeto. Na oração subordinada, tínhamos sempre uma adverbial temporal introduzida pelo conector “enquanto” e retomadas anafóricas ao DP objeto que poderiam ou não sofrer influência do estereótipo proposto.

Os pressupostos teóricos desta pesquisa apoiaram-se nas investigações propostas por LEITÃO et al (2008, 2014, 2015, 2022), OLIVEIRA (2020, 2022). Destaca-se que a estrutura sintática do português brasileiro permite uma certa flexibilidade na retomada anafórica. Os pronomes pessoais, como “ele”, “ela”, “eles” e “elas”, são utilizados para retomar sujeitos anteriormente mencionados na frase. Partimos da hipótese de que há uma preferência por pronomes que concordam em gênero e número com o

antecedente. No entanto, o destaque nos resultados é o fato de que há uma tendência de preferência pelo pronome masculino “ele” na retomada, mesmo quando o antecedente possui gênero diferente, sendo possível verificar que a retomada do DP objeto (ele) foi mais rápida. Além disso, observamos uma diferença de processamento do fator estereótipo entre os participantes de gênero masculino e feminino.

Palavras-chave: Psicolinguística; Processamento de Frases; Gênero; Leitura automonitorada.

Abstract

This paper aims to contribute to the literature on anaphoric coreference processing in Brazilian Portuguese (BP). To do this, we conducted a study that investigates anaphoric resolution in BP by manipulating the semantic relationships established between the anaphor and its antecedent through gender stereotypes.

We conducted a self-paced reading study (SPR) of sentence structures with a subordinate-main clause order, like (i) "João saw Maria while she put on the skirt," to examine speakers' preferences when resolving object-position anaphors influenced by gender stereotypes. The primary goal was to determine whether extralinguistic information, such as gender stereotypes, could interfere with syntactic anaphoric processing.

We compared sentences like (i), where the gender stereotype doesn't conflict with the object noun phrase (NP) resolution, to sentences like (ii) "João saw Maria while she shaved," where the stereotype contradicts the object resolution, and neutral sentences like (iii) "João saw Maria while she brushed her teeth." This was done in a Latin square design with six (6) conditions, crossing variables: gender of the object NP (male vs. female) x gender of the anaphoric pronoun (he or she) x gender stereotype (male vs. female vs. neutral). In the first clause, two proper names with different syntactic functions and genders were always introduced, one being the subject and the other the object. The subordinate clause always contained a temporal adverbial introduced by the connector "while," with anaphoric references to the object NP that might or might not be influenced by the proposed stereotype.

The theoretical assumptions of this research are based on the investigations proposed by LEITÃO et al. (2008, 2014, 2015, 2022), OLIVEIRA (2020, 2022). It's worth noting that the syntactic structure of Brazilian Portuguese allows some flexibility in anaphoric resolution. Personal pronouns like "ele" (he), "ela" (she), "eles" (they, masculine), and "elas" (they, feminine) are used to refer back to previously mentioned subjects in a

sentence. We hypothesized that there is a preference for pronouns that agree in gender and number with the antecedent. However, a key finding from our results is the tendency for a preference for the masculine pronoun "ele" (he) in anaphoric resolution, even when the antecedent has a different gender. It was also observed that the resolution of the object NP (ele) was faster. Additionally, we found differences in processing stereotypes between male and female participants.

Key-words: *Psycholinguistics; Sentence Processing; Gender; Self-paced reading.*

Índice de Figuras

Figura 1: Print screen do experimento.....	42
Figura 2: Print screen do experimento.....	42
Figura 3: Print screen do experimento.....	42
Figura 4: Print screen do experimento.....	43
Figura 5: Print screen do experimento.....	43
Figura 6: Print screen do experimento.....	43
Figura 7: Print screen do experimento.....	44
Figura 8: Print screen do experimento.....	44
Figura 9: Print screen do experimento.....	44
Figura 10: Print screen do experimento.....	45
Figura 11: Print screen do experimento.....	45
Figura 12: Print screen do experimento.....	45
Figura 13: Print screen do experimento.....	46
Figura 14: Imagem compartilhada nas redes sociais.....	49
Figura 15: Painel de controle do <i>PClbex</i> escrito em <i>JavaScript</i>	49
Figura 16: Fluxograma da sequência de eventos experimentais apresentados aos participantes do estudo.....	51

Índice de Tabelas

Tabela 1: Exemplos de um conjunto de estímulos em PB em cada uma das três condições: Masculino, Feminino e Neutro.....	47
Tabela 2: Exemplos de frases distratoras.....	47
Tabela 3: Dados descritivos produzidos no software Jamovi utilizando o modelo misto.....	52
Tabela 4: RESULTADOS ESTATÍSTICOS: MODELO MISTO - RTs (Estereótipo * Gênero * Segmento * Acerto) - Análises feitas no software Jamovi.....	58

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Média dos tempos de resposta (RTs).....	60
Gráfico 2: Desvio padrão dos tempos de resposta para homens e mulheres, por segmento.....	61
Gráfico 3: Desvio padrão médio para os segmentos 5, 7, 8 e 9.....	62
Gráfico 4: Desvio padrão médio para os segmentos 8 e 9.....	63
Gráfico 5: Comparação estatística dos Tempos de Resposta (RTS, ms) entre Sexo * Estereótipo * Gênero.....	64
Gráfico 6: Percentual de acertos para cada condição.....	65
Gráfico 7: Z-scores de acertos para cada condição.....	66
Gráfico 8: RTs para o segmento 9.....	67
Gráfico 9: Diferença dos RTs entre homens e mulheres no segmento 9.....	68

Lista de abreviaturas e siglas

FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
U.P	UNIVERSIDADE DO PORTO
U.PORTO	UNIVERSIDADE DO PORTO
SGA	SERVIÇO DE GESTÃO ACADÉMICA
E.S	ENSINO SUPERIOR
PCI _{BEX}	PENN _C ONTROLLER FOR INTERNET BASED EXPERIMENTS
PB	PORTUGUÊS BRASILEIRO
PE	PORTUGUÊS EUROPEU

Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal investigar se a estereotipia, um fator extralinguístico, é capaz de interferir no processamento da correferência anafórica no Português Brasileiro (PB).

A correferência é um recurso linguístico em que diferentes termos ou pronomes em uma frase retomam elementos anteriormente ou posteriormente mencionados. No PB, a correferência pode ser anafórica ou catafórica. A correferência anafórica ocorre quando uma expressão ou pronome se refere a um antecedente já mencionado na frase. Por exemplo, na frase (i) *Maria foi ao mercado e ela comprou frutas*, o pronome *ela* faz referência a *Maria*, que já foi introduzida na frase anteriormente. Esse tipo de correferência ajuda a evitar repetições desnecessárias em um texto, mantendo a sua fluidez. Por outro lado, a correferência catafórica acontece quando a expressão ou pronome se refere a um elemento que ainda será mencionado na frase. Um possível exemplo é a frase (ii) *Quando ela chegou, Maria estava cansada*, onde o pronome *ela* antecipa a menção do nome *Maria*. A correferência catafórica é menos comum que a anafórica, mas é igualmente importante para criar expectativa e manter a coesão dentro de um texto. Ambas as formas de correferência, utilizadas corretamente, garantem clareza e continuidade no texto.

Considerando as pesquisas já realizadas na área, verificamos que o PB tem a tendência de retomar o sujeito quando não há pronome presente na frase, ou seja, é nulo, entretanto, quando há a presença do pronome prefere-se retomar o objeto da frase (Leitão e Simões, 2011; Leitão et al, 2022; Fonseca e Guerreiro, 2012; Hora, 2014; Teixeira, Fonseca e Soares, 2014).

É relevante mencionar que o programa de pesquisa elaborado por Leitão et al. (2022) serviu como ponto de partida para o início desta investigação. O referido trabalho pretendeu analisar “o curso temporal da leitura de frases em língua portuguesa (brasileira e portuguesa), em que há relações de predicação envolvendo estereótipos de gênero usando metodologias on-line, tais como a leitura

automonitorada e o rastreamento ocular” (Leitão et al, 2022). Num primeiro momento, buscaram verificar a relação de estereótipos de gênero e o processamento de sentenças em PB e PE, testando através da Escala Likert de 5 pontos, avaliando predicados como comprar livro, lavar louça e fazer churrasco, com estereotipia neutra, feminina ou masculina. Destaco, portanto, que o corpus deste experimento inicial serviu como *baseline* para a construção de estímulos experimentais.

Sendo assim, surge o questionamento: será que uma informação extralinguística, ou seja, de conhecimento do mundo, seria capaz de interferir no processamento anafórico? Por exemplo, será que um estereótipo sobre o gênero do antecedente é capaz de interferir na retomada anafórica deste objeto? Ou seja, na frase (iii) João viu **Maria**_i *enquanto ela*_j *vestia a saia* o pronome *ela* está retomando *Maria* e o sintagma verbal *vestia a saia* não contradiz o estereótipo de gênero feminino? Entretanto, será que numa frase, como (iv) Maria viu **João**_i *enquanto ele*_j *vestia a saia*, a relação entre *João* e *ele* será influenciada pela contradição entre João/ele e o estereótipo de gênero masculino?

Na presente pesquisa buscamos averiguar se esta informação semântico-pragmática do estereótipo de gênero é ou não capaz de interferir no processamento sintático de retomada do objeto. Pretendemos verificar se em PB a informação semântico-pragmática tem mais força do que a sintaxe e portanto, há interferência no tempo de processamento e/ou no juízo das frases, do tipo, (v) João viu a **Maria**_i *enquanto ela*_j *fazia a barba*.

Para a realização da presente pesquisa e para tentarmos responder tal questionamento, desenvolvemos um teste de leitura automonitorada (*SPR*) em que os participantes deveriam ler frases resultantes do cruzamento das duas variáveis dependentes: (A) tipo de Estereótipo: Masculinos (EM), Femininos (EF) e Masculinos e Femininos (EN=Neutro) e (B) Congruência entre o gênero do Objeto e do Pronome e, o Estereótipo: Objeto Masculino/Pronome ELE; Objeto Feminino/Pronome ELA, em seis condições diferentes, conforme Tabela 1. O estudo foi realizado de maneira *web-based* e a metodologia do *SPR*, permitiu que os participantes lessem as frases em uma

velocidade natural na tela do computador e, que fosse registrado através do programa de computador o tempo de leitura/processamento (RTs) de cada segmento da frase lida; uma vez que para ler cada segmento da frase, o participante apertava a tecla espaço no teclado. Além do registro dos RTs, após a leitura da frase completa, o participante respondia uma pergunta de compreensão: “Faz sentido?”, com duas opções de resposta: SIM ou NÃO. Assim que concluía a realização da tarefa, as palavras desapareciam dando lugar às frases seguintes.

De acordo com Oliveira et al (2022), é possível realizar tal leitura sendo que a frase é dividida em pedaços menores. Dessa forma

dividindo-a em pedaços menores e fazendo o leitor cadenciar sua própria leitura à medida que os segmentos da frase aparecem na tela do computador.

Esses segmentos são lidos apertando-se um botão ou uma tecla e assim o tempo de leitura é aferido em milésimos de segundos para cada segmento. Os segmentos podem ser palavras, então temos a leitura palavra por palavra, ou podem ser sintagmas e aí temos a leitura sintagma por sintagma.

(Oliveira et al, 2022)

Leitão et al (2022), em seu programa de investigação, realizou uma avaliação de estereótipos de gênero em Português Brasileiro e Português Europeu, usando a metodologia através da Escala *Likert* de 5 pontos. Os participantes, como portugueses e brasileiros de ambos os sexos, julgavam predicados verbais estereotipados, como "*fazer churrasco*", "*lavar louça*" e "*comprar livro*" com estereotipia masculina, feminina e neutra, respectivamente. Destaco, portanto, que os sintagmas verbais formados de acordo com os estereótipos (masculino, feminino e neutro) em Leitão et al. (2022) serviu de base para a criação dos estímulos (frases complexas) utilizados no presente trabalho.

Ademais, este trabalho está estruturado em 3 capítulos, além da Introdução, Resultados, Discussão e Considerações Finais. Portanto, apresentaremos considerações sobre o estereótipo de gênero e o processamento correferencial; como ocorre a correferência no processamento de frases e como ocorre a correferência no processamento de frases que apresentam estereótipo de gênero; e, ainda, será apresentada uma contextualização acerca do estudo e o método experimental realizado, além de uma apresentação da metodologia (*self-paced reading*), os estímulos, participantes, procedimentos e, por fim, uma breve análise do estudo.

1. Estereótipo

Nesta seção, exploraremos as definições de estereótipo e estereótipo de gênero, bem como a relação entre estereótipos de gênero e as línguas.

Segundo o Dicionário Online de Português¹, estereótipo é “concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, geralmente de cunho preconceituoso ou repleta de afirmações gerais e inverdades”.

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) afirma que trata-se de um conceito que engloba todas as propriedades comuns que caracterizam um grupo ou classe de seres ou objetos.

Dessa forma, Leitão et al. (2022) conceitua estereótipo como sendo um “conjunto de características compartilhadas por grupos sociais específicos que levam a generalizações em determinados contextos socioculturais, mas que, muitas vezes, se alteram sem a atualização devida, se integrando e se arraigando ao corpo social”.

Pereira (2002) acredita que estereótipos são crenças e acreditar em tais crenças significa acreditar que tal proposição sobre a realidade seja verdadeira. Alguns manuais de psicologia definem os estereótipos como crenças generalizadas e resistentes a novas informações, com o intuito de simplificar a forma como se interpreta a realidade.

Portanto, há, socialmente, uma dificuldade em abandonar tais crenças, especialmente tratando-se das outras pessoas. Modificar pensamentos, concepções, hábitos e crenças, muitas vezes, enraizadas, não é tarefa simples. Para a mudança efetiva, seria necessário a união de esforços tanto de políticas públicas quanto esforços educacionais, para que tanto o plano econômico, social, cultural e político, nessa seara, fosse devidamente atualizado.

O autor esclarece que:

Os estereótipos surgem em diferentes tipos de contextos, cumprindo uma série de funções relacionadas às características particulares de sua emergência, tais

¹ Dicionário Online de Português - <https://www.dicio.com.br/estereotipo/> Acesso em 14 de nov. 2023.

como responder aos fatores ambientais, como nas situações de conflitos grupais e nas diferenças de poder, nos papéis sociais, e por fim, atender as necessidades da identidade social. (Pereira, 2002, p. 50).

Isto porque os estereótipos são pertencentes ao conhecimento coletivo de uma determinada sociedade, sendo refletidos no comportamento e manifestação de cada um. Podemos considerar que os estereótipos são concepções arraigadas, frequentemente desprovidas de uma base científica definitiva que as justifique, sendo compartilhadas por muitas pessoas. Referem-se à maneira como identificamos um indivíduo com base em crença religiosa, raça, gênero, idade, nacionalidade, etc.

Ashmore e Delboca (1979) identificaram pontos de concordância entre psicólogos referente a definição de estereótipos, como por exemplo o estereótipo ser cognitivo, fruto de uma convicção, de um julgamento, de uma suposição e, estereótipos comparam grupos e os diferenciam.

Essas representações simplificadas podem ser positivas, negativas ou neutras e são frequentemente enraizadas em percepções culturais e sociais. Por exemplo, a associação entre palavras pode criar estereótipos e, com isso, perpetuar preconceitos, sendo o caso dos estereótipos de gênero que apresentaremos a seguir. Importante destacar que as palavras que usamos desempenham um papel significativo na formação e na perpetuação de estereótipos, sendo a Linguagem uma ferramenta poderosa, capaz de moldar a nossa compreensão do mundo, influenciando não apenas como pensamos, mas também como agimos e nos relacionamos com os outros.

1.1. Estereótipo de gênero

Embora existam vários tipos de estereótipos que permeiam diferentes aspectos da vida humana, como os estereótipos referentes ao estado civil, à classe social, à família, etc. O estereótipo de gênero tem sido recentemente um tópico bastante discutido, embora na área do processamento linguístico, haja ainda poucos trabalhos (ver Leitão et al, 2022).

Para Pereira (2002), os estereótipos surgem em diversos contextos e cumprem com as funções referentes às suas características. Assim sendo, o estereótipo de gênero é uma atribuição feita por determinado grupo, com base em traços comportamentais referentes a homens e mulheres, diferenciando-os. Os estereótipos relacionados aos gêneros surgem com o passar do tempo e com as repetidas práticas e experiências vivenciadas pelos grupos de indivíduos.

Para Severi (2016) estereótipos de gênero são:

Tipos de crenças, profundamente arraigados na sociedade que os cria e os reproduz, acerca de atributos ou características pessoais sobre o que homens e mulheres possuem ou que a sociedade espera que eles possuam: são características de personalidade ou físicas, comportamentos, papéis, ocupações e presunções sobre a orientação sexual. (Severi, 2016)

Por exemplo, homens são geralmente associados às características como assertividade, racionalidade e força física, enquanto mulheres são relacionadas a sensibilidade, empatia e delicadeza. Tais estereótipos não apenas influenciam a percepção individual, mas também acabam por moldar as expectativas e comportamentos, desde as escolhas profissionais até as relações interpessoais.

Além disso, a linguagem também pode ser usada para desvalorizar certas pessoas com base em seu gênero. Por exemplo, a expressão "*agir como uma menina*" é frequentemente usada de forma pejorativa com o intuito de depreciar comportamentos considerados fracos para os padrões masculinos. Essas formas de linguagem reforçam a ideia de que algumas formas de expressão são consideradas inferiores com base no gênero de uma pessoa. Logo, é necessário reconhecer o papel da linguagem na perpetuação de estereótipos de gênero e esforçar-se para promover uma linguagem mais inclusiva e consciente.

1.2. Estereótipo de gênero nas línguas

A linguagem ocupa um papel fundamental na representação dos estereótipos, pois é através dela, da comunicação verbal, que se transmite e se propaga um estereótipo. A presente seção pretende discutir acerca do estereótipo de gênero nas línguas, examinando como ele se manifesta na linguagem e como isso influencia as percepções e os comportamentos das pessoas em relação aos papéis de gênero (*gender roles*). Ao analisar o papel da linguagem, é possível compreender melhor como essas ideias são internalizadas e reproduzidas na sociedade.

Alguns estudiosos da área da Linguística e da Psicologia buscam estudar e compreender o estereótipo, especialmente o presente da linguagem verbal. Lippmann (1972, p. 25 apud Campos et al. 2021) define estereótipo como “uma opinião preconcebida acerca de atributos exteriores”.

Importante destacar, segundo Campos et al. (2021):

Uma das características mais interessantes dos estereótipos é o uso de recursos linguísticos especializados com a finalidade de avaliar os grupos, como se observa quando, por exemplo, utiliza-se em algumas situações a palavra homossexual para se referir a um dado grupo social e, em outras, os termos gay, boiola ou bicha, uma vez que nestes últimos exemplos a utilização do estereótipo é muito mais poderosa, ocupando uma posição decisiva no sistema de armazenamento transpessoal da linguagem. (Campos et al. 2021)

Levon (2014 apud Leitão et al, 2022) analisa que o estereótipo:

Pode funcionar como uma espécie de filtro seletivo capaz de direcionar e mesmo de distorcer a cognição linguística, indicando que essas concepções culturais podem exercer um impacto altamente significativo na compreensão, privilegiando informações que se adequam ao modelo de expectativa do

estereótipo e, conseqüentemente, ignorando outras informações. (Levon 2014 apud Leitão et al, 2022)

Desse modo, os padrões de pensamento enraizados na sociedade, conhecidos como estereótipos de gênero, tendem a atribuir características específicas a homens e mulheres com base em seu gênero. Estes estereótipos encontram expressões na linguagem através de várias formas de tratamento e estruturas linguísticas. Por exemplo, em determinadas línguas, certas palavras ou expressões são associadas predominantemente a um gênero, reforçando noções preexistentes sobre as habilidades, interesses e papéis sociais desempenhados por homens e mulheres.

Leitão et al (2022) parece ser o primeiro trabalho em PB e PB a criar um *corpus* de sintagmas verbais formados de acordo com o estereótipo de gênero. Os autores analisaram as respostas de 32 participantes em cada variedade da língua portuguesa (PB e PE) num teste de julgamento com escala Likert de 5 pontos e resposta cronométrica (RTs). Os resultados mostraram uma diferença entre os brasileiros e os portugueses (ambos os sexos): os brasileiros escolhem opções mais centrais na escala para julgar os estereótipos, o que exige mais tempo para escolha (RTs maiores). Em contrapartida, os portugueses escolhem opções mais extremas e respondem mais rapidamente (RTs menores) que os brasileiros. Além disso, os autores reportam que a avaliação por itens mostra diferenças entre o julgamento de homens e mulheres na média.

Apesar de o estudo mostrar que há diferenças no julgamento e tempo de julgamento linguístico correlacionadas ao estereótipo de gênero, o estudo inicial (Leitão et al, 2022) não investiga a influência da estereotipia no processamento linguístico. Ou seja, se essas informações extralinguísticas são capazes de impactar o curso de processamento da frase.

1.2.1. O estereótipo de gênero no português do Brasil

Badecker e Straub (2012 apud Araújo, 2017) realizaram um estudo com um experimento de *self-paced reading*, em que variaram os gêneros dos candidatos a referente, visando examinar a resolução correferencial dos pronomes e anáforas ao longo do processamento frasal. Nos exemplos abaixo, conforme apresentados por Araújo (2017), ambos retirados dos experimentos de Badecker e Straub (2002), podemos verificar um exemplo de sentença (1) com presença pronominal e um exemplo de sentença (2) com a presença de anáfora.

(1) *John thought that Beth owed him another opportunity to solve the problem.*²

(2) *John thought that Bill owed him another opportunity to solve the problem.*³

(3) *Jane thought that Bill owed himself another opportunity to solve the problem.*⁴

(4) *John thought that Bill owed himself another opportunity to solve the problem.*⁵

Conforme observado por Araújo (2017), nas frases referidas, os pesquisadores demonstraram o controle sobre o gênero, já que em frases contendo o pronome *him*, os antecedentes eram distintos, assim como nas frases com o reflexivo *himself*. Os resultados do experimento indicaram que os tempos de leitura foram mais longos quando houve concordância de gênero e número entre o pronome *him* e seu antecedente *Bill*, como no exemplo (2). Esse padrão não foi observado no exemplo (1), onde não havia correspondência entre os traços de gênero e número. Destaco que o mesmo ocorreu nos exemplos (3) e (4). Estudos sobre o processamento linguístico buscam investigar que fatores são capazes de interferir na compreensão de uma frase e, portanto, estão interessados em investigar a natureza desses fatores.

² John pensou que Beth lhe devia mais uma oportunidade para resolver o problema.

³ John pensou que Bill lhe devia mais uma oportunidade para resolver o problema.

⁴ Jane pensou que Bill devia a ele mesmo mais uma oportunidade para resolver o problema.

⁵ John pensou que Bill devia a ele mesmo mais uma oportunidade para resolver o problema.

Em concordância com o exposto anteriormente acerca dos estereótipos de gênero, destacamos, ainda, que encontram-se arraigados na cultura de muitos países, como também na sociedade brasileira. No cotidiano, nos deparamos com diversas atividades ou comportamentos estereotipados que são associados a características consideradas mais femininas ou masculinas, muitos dos quais são expressos na língua portuguesa e disseminados através da comunicação. Assim, pesquisar sobre as expressões estereotipadas na língua portuguesa pode fornecer *insights* sobre a extensão e a profundidade desses estereótipos na sociedade e, especialmente, em nossa própria compreensão cognitiva (Leitão et al, 2022).

2. Estereótipo de Gênero e Processamento Correferencial

2.1. Correferência no processamento de frases

A concepção de texto é muito ampla e está intimamente ligada à concepção de língua, tendo em vista que podemos denominar, como texto, diversas produções, em diferentes linguagens, como por exemplo a linguagem verbal, a pintura, o teatro, a dança.

Importante destacar alguns conceitos de texto que encontramos na literatura. De acordo com Koch (1994, 14) o texto “é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõe: A diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é sim, de ordem qualitativa.” Diante disso, verifica-se que a intenção na construção de um texto deve priorizar a qualidade do mesmo.

Beaugrande (1997, 10) postula que “texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.”

O texto, segundo Koch (2004, 11) é considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. A partir do olhar de Koch, é possível verificarmos a relação existente entre o indivíduo e a situação comunicativa em que ele está inserido. Já para Marcuschi (2008, 72) o texto é “o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona.”

Segundo Souza, Franzen & Schlichting (2019) a leitura não é um exercício natural, exige um processo de aprendizagem. Logo, o processamento em leitura, requer que “o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos de diversas naturezas, entre os quais estão os mecanismos abarcados no ato de ler”, os conhecimentos de natureza linguística, temática, textual, além dos contextuais e situacionais, o que significa dizer que saber ler implica conhecimentos tanto procedimentais quanto experienciais. Desse modo, todo o indivíduo falante e capaz de se comunicar, possui a

competência de compreender quando um texto é coerente e quando é incoerente. Assim, um texto deve ser composto pela coerência e pela coesão textual, entendidos como propriedades centrais de um texto.

Segundo Koch e Travaglia,

a coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido aos usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto. (1990, p.21)

Dessa forma, a coerência textual é a relação que se estabelece entre as partes de um texto, criando, assim, uma unidade de sentido. Trata-se do nexo de ideias e circunstâncias.

Por outro lado, a coesão, também compreendida como a conexão existente entre palavras e frases, refere-se à estrutura na qual os elementos do texto estão unidos.

Segundo Halliday e Hasan (1976), o conceito de coesão é semântico. A coesão ocorre quando a interpretação de um elemento textual depende da interpretação de outro, de modo que um não pode ser compreendido sem que se faça referência ao outro. Quando essa interdependência ocorre, há coesão e os dois elementos em questão estão ligados dentro do texto.

Sem a pretensão de apresentar todos os mecanismos que compõem a coesão textual, é, todavia, fundamental citar que há cinco mecanismos que a integram: referência, substituição, elipse, conjunção e léxico. Há diversos tipos de expressões anafóricas que podem ser usadas para retomar um elemento no discurso. Concentramos nossa atenção na correferência pronominal anafórica do Português

Brasileiro. Anáfora é uma palavra que vem do grego e significa literalmente ação de repetir. A correferência parece ser um recurso universal da linguagem, ou seja, encontra-se este mecanismo linguístico em todas as línguas. Há algumas teorias acerca da correferência, dentre as quais podemos mencionar a *Teoria da Acessibilidade* atribuída a Ariel (1990), a nível de discurso, e a *Hipótese da Posição do Antecedente*, a nível de frase.

A *Teoria da Acessibilidade*, proposta por Ariel (1990), busca entender como ocorre a acessibilidade de um antecedente, isto é, o quão fácil é identificar uma entidade específica no discurso, e como a mesma influencia a escolha da expressão que faz referência a essa entidade, explorando como a resolução de anáforas está relacionada a aspectos da memória.

À luz da referida teoria, cada expressão anafórica codifica um grau de facilidade ao acessar a entidade que está retomando. Em outras palavras, expressões anafóricas atuam como indicadores de acessibilidade, estabelecendo uma relação inversamente proporcional entre a facilidade de acesso ao antecedente e a forma linguística escolhida para referenciá-lo. Quanto mais acessível a informação (o referente), menos informativa será o termo utilizado para retomá-lo. Em contrapartida, quando a informação é menos acessível, a forma anafórica escolhida tende a ser mais informativa. À medida que novos referentes são introduzidos, a acessibilidade do primeiro referente pode mudar.

Dessa forma, a referência, mecanismo que iremos nos debruçar, pode ser feita com relação ao texto (referência endofórica) ou ao contexto situacional (referência exofórica). Quando se fala em termos de texto, o elemento referencial pode estar conectado a uma palavra anterior, estabelecendo uma relação anafórica. Se o item de referência aponta para algo que ainda será mencionado, temos então uma relação catafórica.

As relações correferenciais são o modo como se estabelece a relação entre uma expressão anafórica e o seu antecedente. O processamento linguístico da correferência

anafórica pode ser entendido como um processo em que um elemento previamente mencionado é retomado por outro durante a leitura ou escuta de uma frase ou texto. Para que isso ocorra, o antecedente é retido na memória de trabalho enquanto a sentença é processada, até que uma referência a ele seja identificada no fluxo das informações linguísticas, dando início ao processo de reativação e recuperação do antecedente (Leitão e Simões, 2011).

No PB temos a presença de pronomes plenos e pronomes nulos e a sua flexão, assim como nos nomes, devendo estes concordar em número e pessoa com verbo a que está sendo ligado.

Pessotto (2018, p. 125 apud Salgado & Ichijo, 2022) em seu trabalho buscou investigar o processamento de sentenças modais no português brasileiro, verificando o tempo de reação e o efeito causado por sentenças que apresentavam os modais “deve” e “tem que”, tanto em cenários estereotípicos como não-estereotípicos. O experimento apresentou estímulos de contexto com desenhos e 20 sentenças, ambas com “deve” e “tem que”. A pesquisa realizada por Pessotto revelou que em situações não estereotipadas, os participantes demoraram mais para processar a resposta “deve” em comparação com “tem que”, indicando que o processamento de “tem que” é mais rápido nesse contexto. Por outro lado, em contextos estereotipados, o processamento de “tem que” demora mais. Além disso, foi observado que o tempo de reação para o termo “deve” foi significativamente maior em cenários estereotípicos, o que contraria a expectativa da autora de que, em contextos não estereotipados, o tempo de reação para “deve” seria maior. Assim, em cenários estereotípicos, é mais desafiador processar sentenças que apresentam “tem que”, enquanto as sentenças com “deve” tornam-se mais fáceis de processar nesse mesmo contexto.

Segundo Leitão, Bezerra e Brito (2014):

O processo de resolução referencial embasa-se no entendimento dos elementos anafóricos como mecanismos responsáveis por manter outros elementos ativados na memória de trabalho, a fim de investigar a realidade

psicológica destes elementos anafóricos e examinar como eles atuam no decurso da compreensão linguística para promover a reativação dos antecedentes e efetivar o processo de retomada. (Leitão, Bezerra e Brito, 2014)

Em relação a isso, Silva e Brito (2012, p. 195) destacam que:

[...], a Teoria da Vinculação (também chamada de Teoria da Ligação) (cf. CHOMSKY, 1981, 1986a) foi desenvolvida com o objetivo de explicar como as propriedades referenciais de nominais (ou DPs, na denominação atual), sub-classificadas em anáforas, pronomes e expressões referenciais, interfeririam na sua distribuição na sentença. É também considerada uma teoria sobre certas relações (coindexação, vinculação, “correferência”, referência disjunta, etc.) entre posições-A (argumentais) de uma sentença. (Silva e Brito, 2012, p. 195)

A anáfora é, portanto, um fenômeno fundamental para a coesão e para a coerência textual anteriormente referida. Ela pode ser definida como a retomada de uma expressão que já foi apresentada em um texto. Ressaltamos que para que o processo anafórico ocorra necessitamos de pelo menos dois termos: o termo anafórico e seu antecedente. O termo anafórico é o que realiza a retomada no procedimento de correferenciação.

(1) Maria estava cansada depois de um longo dia de trabalho. Ela decidiu descansar um pouco antes de continuar suas tarefas.

No exemplo (1) podemos observar que o pronome pessoal *ela* está retomando um SN (sintagma nominal) já mencionado, no exemplo, *ela* retoma *Maria* que é seu antecedente, tornando assim os termos correferentes.

Segundo Maria Antónia Coutinho (2004/2005), a anáfora deve ser considerada como um mecanismo contributivo para a organização textual, pois assegura a continuidade temática e/ou referencial de determinado texto. Como um marcador de organização textual, a anáfora tem a função de retomar algo que já foi introduzido no texto, conectando-os, permitindo, assim, a progressão temática, ocasionando a coesão referencial.

Importante mencionar que os pronomes são considerados uma classe de palavras que substitui ou acompanha um substantivo na sentença. Podem ser classificados de acordo com sua função: pronomes substantivos ou pronomes adjetivos. Eles podem atuar de forma anafórica, trazendo de volta uma frase ou ideia já expressa no texto.

Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 217 apud Araújo, 2017) reforçam que “[...], contrariamente às anáforas, os pronomes não necessitam de antecedentes, mas, se os têm, eles não podem estar ‘perto’ demais, [...]”. Já as expressões referenciais são usadas para introduzir algo no texto ou, também, fazer referência a algo que já foi dito no texto. Ambos exercem um papel fundamental na linguagem, pois permitem que nos refiramos a pessoas, lugares, objetos ou ideias de forma direta, garantindo, assim, a coesão textual.

Segundo Hora (2014), identificar e reconhecer os antecedentes em um processo de correferência anafórica pronominal não é tarefa simples. Algumas frases podem gerar dificuldades de interpretação, como os exemplos:

(2) Paulo notou Luiza fazendo barba no quarto de hotel enquanto ela fazia a barba no quarto de hotel.

(3) Paulo notou Luiza fazendo barba enquanto Ø fazia a barba.

A quem devemos atribuir o pronome *ela* no exemplo (2)? A *Paulo*, a *Luiza* ou, ainda, a uma *terceira pessoa*? E no caso do pronome nulo, Ø, em (3), como ocorre o processamento da anáfora? Diante de tais exemplos podemos questionar se há uma preferência de processamento para cada tipo de pronome.

A frase com o pronome *ela* apresenta certa ambiguidade, pois não resta claro se *ela* está retomando Paulo, Luiza ou uma terceira pessoa. No caso do pronome nulo $\emptyset$, o processamento da anáfora é ainda mais desafiador, devendo, quem processa, inferir a retomada a partir do contexto ou estrutura da frase. Em línguas que apresentam pronomes nulos, como o PB, a retomada anafórica exige uma análise mais aprofundada para determinar a quem ou ao que o pronome nulo $\emptyset$ está se referindo.

Destaco ainda o estudo realizado por Teixeira, Fonseca e Soares (2014), sobre a correferência de pronomes nulos e plenos, em posição anafórica e catafórica, em períodos complexos compostos por subordinação. Trata-se de um experimento com a utilização de rastreamento ocular em que os participantes liam frases que continham uma oração principal e uma oração subordinada temporal ambígua. Os pesquisadores analisaram a presença de um sujeito na última oração, podendo ser representado por um pronome nulo ou por um pronome pleno. Na oração principal há a presença de dois argumentos do verbo e a oração subordinada temporal é formada por uma conjunção temporal “quando” ou “enquanto” e por uma oração em que o sujeito pode ser um pronome pleno “ele”, “ela”, ou um pronome nulo. O estudo em questão buscou examinar os efeitos da posição, tanto anafórica quanto catafórica, e o tipo de expressão anafórica (pronome nulo ou pleno), tanto em relação aos custos de processamento quanto às preferências na correferência. Os resultados indicam que a ambiguidade é esclarecida pela existência da categoria vazia na oração e o pronome pleno não resolveu a questão da ambiguidade na condição anafórica, em vista dos resultados apresentarem índices aleatórios. Com base nesse estudo, o DP que estiver ocupando a função de sujeito da oração principal em períodos complexos será o antecedente preferencialmente retomado para estabelecer correferência com o pronome nulo.

2.2. Correferência no processamento de frases com estereótipo de gênero

Portanto, as expressões anafóricas surgem no texto ou na frase com a finalidade de referir-se a uma entidade que já foi mencionada, retomando, assim, o seu antecedente. Expressões anafóricas em posição de sujeito tendem a retomar antecedentes em posição de sujeito e expressões anafóricas em posição de objeto retomam antecedentes em posição de objeto. Nos casos de expressão anafórica nula, a tendência é que, ao surgir na posição de sujeito, ela reative rapidamente na memória de trabalho do falante ou ouvinte de PB o antecedente que também estava na posição de sujeito.

O termo *Pro-drop* ou *pronoun-drop* (ou pronome nulo) refere-se a capacidade de uma língua em omitir sujeitos quando a conjugação verbal ou o contexto fornecem informações suficientes para identificar o sujeito. O italiano, o espanhol e o português são consideradas línguas *pro-drop*. O PB apresenta pronomes plenos e nulos, sendo que a flexão verbal deve concordar em número e pessoa. Contudo, alguns estudos sobre correferência demonstram que o PB está perdendo as características que o caracterizam como uma língua *pro-drop*.

Duarte (1995) pontua que o PB, com o passar dos anos, vem perdendo a opção de sujeito nulo na 1ª e 2ª pessoas, contudo, continuamos representando na 3ª pessoa. A autora destaca que “pode-se presumir que, não sendo mais inteiramente realizada através de Agr, a identificação do sujeito nulo esteja ancorada na sua coindexação com um SN numa posição acessível, seja no contexto discursivo, seja em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes” (Duarte, 1995).

Assim, o PB tem sido classificado como uma língua de sujeito nulo parcial. Diante do exposto, é imprescindível mencionar um estudo comparativo entre PB e PE (Português Europeu), realizado por Barbosa, Duarte e Kato (2005 apud Hora, Luegi, Maia & Costa, 2019). Observou-se que em PB há menos ocorrências de formas nulas ocupando a posição de sujeito, o que resulta em um aumento no uso de formas plenas. Isso evidencia que a relação de comando entre o antecedente e a expressão referencial nula favorece a ocorrência do sujeito nulo. Logo, os antecedentes que desempenham a função de sujeito na oração principal são os que mais facilitam a retomada por meio do

pronome nulo. Assim, em PB, o pronome nulo é geralmente entendido como referindo-se ao sujeito ou ao antecedente mais próximo que o comanda. Segundo as pesquisadoras⁶, ao contrário do que se observa em PE, o uso de pronomes nulos é mais reduzido em PB, sendo o uso de formas plenas mais frequente, retomando, assim, mais o sujeito do que ocorre em PE, não sendo demonstrado uma preferência clara pelo objeto, como é verificado em PE e em outras línguas de sujeito nulo como o Italiano.

Em PB, o termo a ser retomado pela correferência é determinado ou influenciado pela distância entre o termo retomado e o seu antecedente. A existência de relação de comando entre o termo a ser retomado e o seu antecedente possibilita a ocorrência de um sujeito nulo, provando que o processamento e a interpretação da correferência são mais influenciados pela função sintática e pelas relações de comando do que pela posição estrutural do antecedente.

Como já explanado anteriormente, o objetivo da presente pesquisa é a resolução anafórica em frases complexas, compostas por uma oração principal e uma oração subordinada. Na oração principal, há um sintagma nominal (DP) na função de sujeito e outro na função de objeto, sendo que o núcleo desses sintagmas é um nome próprio, como “a Maria” ou “o João”. A oração subordinada, por sua vez, é composta por uma conjunção temporal, como por exemplo “quando” ou “enquanto”, e por uma oração em que o sujeito pode ser um pronome pleno, como “ele” ou “ela”, ou, ainda, um pronome nulo.

Diante disso, destacamos que muitos trabalhos que versam sobre correferência anafórica têm como objeto de pesquisa os traços de gênero. A anáfora controla, de certa forma, o que já foi dito dentro de uma frase. Analisemos o exemplo:

(4) Maria preparou um bolo. Ela é uma cozinheira muito talentosa.

⁶ HORA, K., LUEGI, P., MAIA, M. & COSTA, A. (2019) Resolução de pronomes em posição de sujeito em orações completivas na retoma de antecedentes em SNs complexos: estudo comparativo entre Português Brasileiro e Português Europeu . Revista da Associação Portuguesa de Linguística. 5 (Nov. 2019), 207–224. DOI:<https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a15>. Acesso em: 28 jul. 2024.

Para realizar a interpretação do exemplo (4) é necessário que façamos a ligação anafórica entre o pronome *ela* e *Maria*. A relação anafórica existente surge da correferência entre uma expressão anafórica (um pronome, por exemplo, *ela*) e seu antecedente, no caso, *Maria*.

Leitão (2015, p. 48) elucida que a Teoria da Ligação proposta por Chomsky (1981) indica que:

[...] as relações de correferência dentro de uma oração seguem princípios que permitem ou não determinados tipos de retomada se ligarem a determinados antecedentes, ou seja, os princípios especificam restrições sintáticas para o estabelecimento das relações anafóricas que ocorre no escopo da oração. (Leitão, 2015, p. 48)

Referente à correferencialidade de um termo anafórico, Leitão (2015, p. 46) salienta que uma anáfora trata-se de um elemento linguístico que tem a mesma referência a outro elemento que o precede no texto, tanto escrito como no falado. Desse modo, o linguista ainda frisa “[...], temos o que é conhecido como correferencialidade, ou seja, dois elementos, tanto o anteriormente mencionado quanto a retomada remetem a um mesmo referente, daí são correferentes”.

Lawall, Maia e Amaral (2012) realizaram uma pesquisa que analisou as diferenças no processamento da correferência pronominal intrassentencial em Português Brasileiro por meio de um estudo de leitura automonitorada utilizando antecedentes sobrecomuns e comuns de dois gêneros. O experimento apresentou 12 frases experimentais e 24 distratoras, em um total de 36 sentenças e pretendia avaliar a correferência dentro da mesma sentença em situações onde há correspondência ou diferença entre os gêneros masculino e feminino entre o antecedente comum e o pronome, assim como entre antecedentes comuns de dois gêneros, em circunstâncias onde há apenas concordância de gênero gramatical entre o antecedente e o pronome. As frases do estudo apresentavam um determinante seguido de um antecedente na

primeira frase, e na segunda frase, um pronome "ele" ou "ela" retomava o antecedente da primeira frase. As hipóteses levantadas pelos autores indicavam que frases com concordância de gênero entre o pronome e o antecedente teriam resoluções de correferências mais facilitadas, ou seja, tempos de leitura seriam mais rápidos. Os resultados revelaram que as condições onde havia concordância de gênero entre o antecedente e o pronome apresentaram indicadores de correferência maiores, e que o pronome masculino recuperava antecedentes masculinos e femininos de forma mais fácil do que o pronome feminino. Portanto, os autores também concluíram que a concordância dos traços de gênero entre o antecedente e o pronome facilita a retomada da anáfora pronominal e que existe um efeito *default* nesse processo.

Em um estudo e experimento realizado por Duffy and Keir (2004), demonstrou que os estereótipos de gêneros são acessados durante a compreensão e acabam interferindo no processamento de frases. Se um pronome surge após uma palavra com estereótipo de gênero, mecânico, por exemplo, os julgamentos acerca do pronome ocorrem de forma mais rápida se tal pronome corresponde ao estereótipo da palavra principal.

(5) João consertou o carro. Ele é muito habilidoso com trabalhos manuais.

Nos exemplos (4) e (5) a retomada anafórica reforça a presença de estereótipos, tais como a mulher na cozinha e o homem associado a trabalhos manuais. Contudo, é possível, ainda, depararmos com exemplos neutros.

(6) Lúcio percebeu Leda bebendo água no copo de metal.

Na frase (6) a expressão “bebendo” pode ser associada ao sujeito Leda, anteriormente mencionado. Contudo, a anáfora é considerada neutra porque não carrega nenhum estereótipo de gênero. A ação de beber não é associada a um gênero específico, podendo a mesma ser realizada tanto por Leda ou Lúcio.

Na seção seguinte, apresentaremos o experimento realizado com o intuito de aferir o tempo de reação de leitura por parte de falantes nativos de PB, buscando

averiguar a relação que existe entre os estereótipos de gênero e o processamento de sentenças.

3. O Estudo

O presente estudo usa o *corpus* do estudo normativo de Leitão et al (2022) para criar frases complexas em Português Brasileiro (PB) visando a investigação do curso temporal da leitura das frases (Tempos de Leitura/Processamento, RTs). O nosso objetivo é verificar o papel das informações de estereótipos de gênero no processamento de frases com correferência anafórica. Para tal, utilizou-se a metodologia de leitura automonitorada ou *self-paced reading* (SPR).

3.1. Metodologia (*self-paced reading*)

A metodologia é parte essencial da pesquisa, auxiliando na elaboração do estudo, dando o norte para que seja possível alcançar os objetivos inicialmente propostos. A pesquisa experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que são capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto (Gil, 2007). Um dos objetivos propostos nesta pesquisa é o de verificar se o estereótipo de gênero é capaz de influenciar no processamento linguístico de retomada do DP objeto, em frases como *Luiza notou Paulo enquanto ele fazia a barba no quarto de hotel*. Dessa forma, como instrumento de coleta de dados, além da pesquisa bibliográfica, foi utilizado o método experimental da leitura automonitorada. Tal técnica consiste na leitura de frases que são divididas em segmentos que são apresentados apenas um de cada vez na tela do computador. Para que cada segmento apareça na tela, o participante precisa clicar numa tecla do computador (na tecla *espaço*), sendo assim possível medir o tempo de leitura dos diferentes segmentos até que cada segmento tenha sido revelado e a frase tenha sido lida completamente. Desta maneira, neste estudo fomos capazes de medir o tempo de leitura e resposta às retomadas anafóricas. Sendo possível comparar os tempos em milésimos de segundos entre um segmento e outro.

De acordo com Kaiser (2013 apud Souza, Franzen & Schlichting 2019),

esse método mede quanto tempo as pessoas gastam lendo palavras ou frases [...] A maioria dos estudos atuais que utilizam a leitura automonitorada usa a configuração de palavra por palavra, o que significa que as palavras são exibidas uma a uma, e cada vez que um botão é pressionado resulta na palavra anterior sendo coberta e a posterior sendo revelada [...] Isso permite que os pesquisadores registrem quanto tempo uma pessoa gasta em uma palavra antes de passar para a próxima, o que pode ajudar a esclarecer quais pontos de uma frase estão associados à maior dificuldade de processamento/carga de processamento. (Kaiser 2013 apud Souza, Franzen & Schlichting 2019)

Segundo Salgado & Ichijo (2022) o termo “automonitorado” se dá em virtude do participante ter o controle do seu tempo de leitura. Dessa forma, o *software* vai registrando o tempo que cada participante gastou no processo de leitura, sendo possível, ao final, realizar uma análise comparativa entre o tempo gasto pelos participantes do estudo, os falantes nativos de PB, tornando possível a discussão acerca das diferenças temporais em frases sobre o processamento anafórico refletindo possíveis dificuldades enfrentadas na retomada do objeto anafórico.

Quando um leitor encontra uma retomada anafórica, ele precisa recuperar, reter a informação na memória para a posterior compreensão integral da frase. Se o tempo de leitura aumenta em determinado segmento, demonstra, portanto, que o leitor/participante está se deparando com dificuldades em relacionar a anáfora ao seu antecedente. Ademais, se houver uma incongruência entre a informação fornecida sobre o objeto anafórico e os estereótipos, é esperado que o tempo dedicado para leitura e processamento também aumente. Podemos considerar a demora como um indicativo de que o leitor está tentando compreender e integrar a informação nova, o que demanda um maior esforço cognitivo. Dessa forma, a análise exata do tempo de

leitura auxilia na identificação dos principais segmentos onde ocorrem essas dificuldades, identificando, assim, padrões e diferenças no tempo de leitura.

Após a leitura de cada frase, era apresentada uma pergunta de compreensão com o intuito de manter a atenção e garantir que o participante leu e compreendeu a frase com atenção. Souza et al (2019) destaca que a pergunta é “fundamental para garantir que o tempo de processamento do segmento analisado é o tempo relativo a uma leitura atenta, em que houve compreensão e em que o estabelecimento da correferência aconteceu”, permitindo, assim, conhecer a reação do leitor diante do processo realizado.

Em consonância com Leitão (2008), “diferenças de tempo aferidas em um experimento (on-line) no curso do processamento podem indicar a maneira como as demandas cognitivas relacionadas à linguagem atuam”, uma vez que o que se está colocando em funcionamento são as habilidades cognitivas relacionadas à linguagem.

Cada participante realizou o estudo através de seu computador pessoal - *web-based*. O presente experimento foi aplicado de forma individual e anônima. Os participantes leram 56 frases, em uma velocidade natural, na tela do computador. Para ler cada segmento, o participante deveria apertar a tecla espaço no teclado do computador.

Ao fim de cada frase, surgia a pergunta de compreensão “*Faz sentido?*”. Para responder SIM, os participantes deveriam apertar a tecla C e, para responder NÃO, deveriam apertar a tecla M do teclado. Ressalto que antes da realização do experimento os participantes realizaram um treino para praticar o uso das teclas e garantir a compreensão da condução do experimento.

Podemos verificar o processo descrito nas imagens a seguir, retiradas do próprio experimento:

Figura 1: Print screen do experimento.



Figura 2: Print screen do experimento.



Figura 3: Print screen do experimento.



Figura 4: Print screen do experimento.

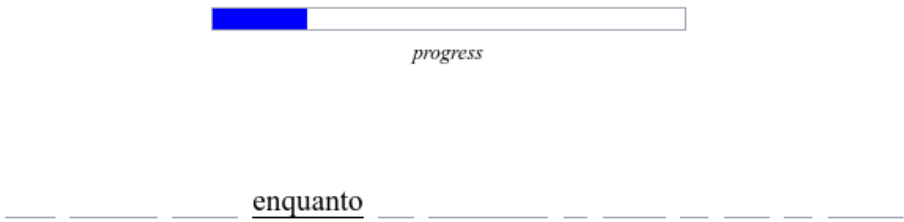


Figura 5: Print screen do experimento.

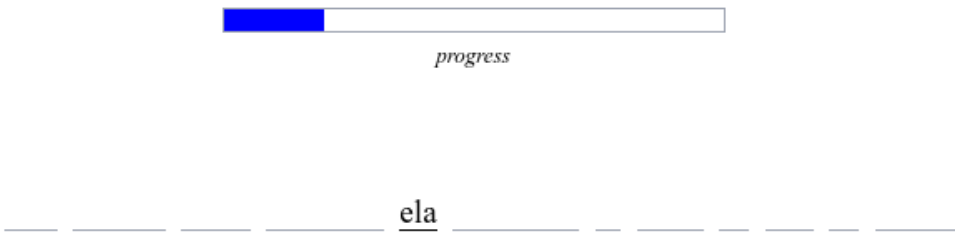


Figura 6: Print screen do experimento.



Figura 7: Print screen do experimento.



Figura 8: Print screen do experimento.



Figura 9: Print screen do experimento.



Figura 10: Print screen do experimento.



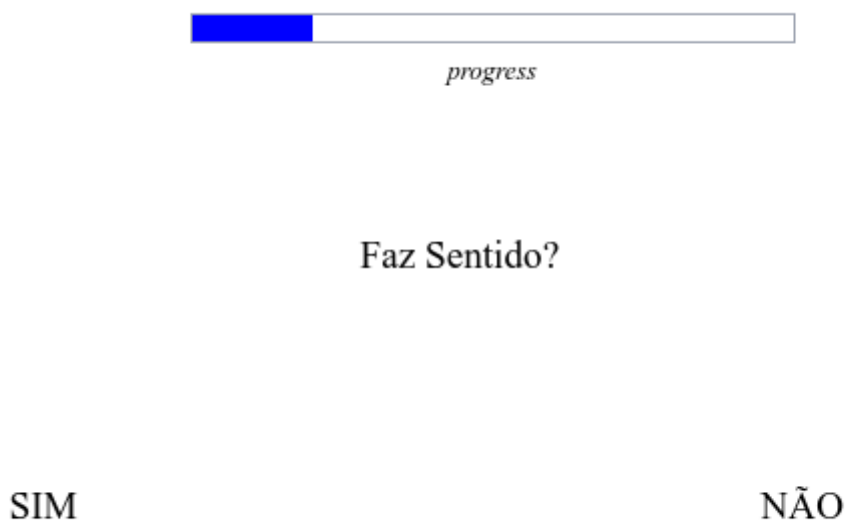
Figura 11: Print screen do experimento.



Figura 12: Print screen do experimento.



Figura 13: Print screen do experimento.



Acima, temos um exemplo de frase utilizada no experimento e da metodologia de leitura automonitorada até que a pergunta de compreensão apareça e o participante faça a escolha pelas teclas C e M.

3.2. Estímulos

Para a realização do presente trabalho foram criados 24 conjuntos de 6 frases (144 frases no total) manipulando os Estereótipos Masculinos (EM), Estereótipos Femininos (EF) e Estereótipos Masculinos e Femininos (EN=Neutro). As frases experimentais foram criadas a partir dos sintagmas verbais normados em Leitão et al. (2022).

Os exemplos são apresentados na tabela 1.

Tabela 1: Exemplos de um conjunto de estímulos em PB em cada uma das três condições: Masculino, Feminino e Neutro.

1	EF	Feminino	Paulo notou Luiza enquanto ela <i>vestia a saia</i> na festa de ontem.
2	EF	Masculino	Luiza notou Paulo enquanto ele <i>vestia a saia</i> na festa de ontem.
3	EM	Feminino	Paulo notou Luiza enquanto ela <i>fazia a barba</i> no quarto de hotel.
4	EM	Masculino	Luiza notou Paulo enquanto ele <i>fazia a barba</i> no quarto de hotel.
5	EN	Feminino	Paulo notou Luiza enquanto ela <i>comia a maçã</i> no café da manhã.
6	EN	Masculino	Luiza notou Paulo enquanto ele <i>comia a maçã</i> no café da manhã.

Para além das 144 frases experimentais, criamos 32 frases distratoras, conforme exemplos apresentados na tabela 2.

Tabela 2: Exemplos de frases distratoras.

A diretora prometeu que o curso de tijolo será gratuito.
A menina assentiu à amiga que foi ao balé pela televisão.

Paloma procurava André no prato porque ele sumiu e não avisou ninguém.

O *software* de estudo *web-based* utilizado foi o *PCIBex*⁷ (Zehr & Schwarz, 2018). Ao todo, cada participante realizou a leitura automonitorada de 56 frases pseudorandomizadas em cada lista. A cada participante foi atribuída uma das 6 listas criadas, através de uma distribuição em Quadrado Latino. Assim cada participante lia apenas uma das frases em cada uma das condições, sem repetições entre grupos (*num design between subjects*).

3.3. Participantes

No total a pesquisa contou com 42 participantes, adultos, com idade média de 42 anos, sendo 23 do sexo feminino e 19 do sexo masculino. Todos os participantes declararam ser falantes nativos de PB, sendo quatro participantes canhotos, um ambidestro e os demais 37, destros. A participação no estudo ocorreu de forma voluntária e anônima. Os participantes foram testados de forma individual.

Importante destacar que dos participantes, nove moraram fora do Brasil por um período de tempo inferior a 2 anos.

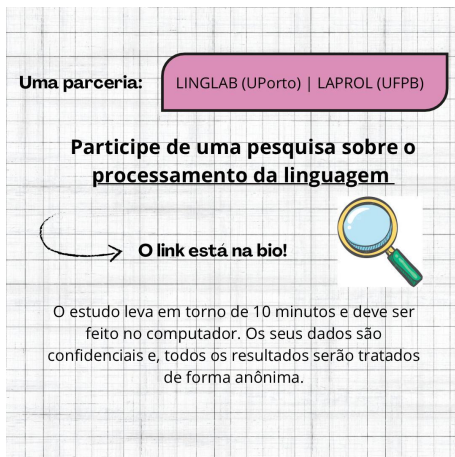
Os participantes foram recrutados através das redes sociais e contatos pessoais. Todos preenchiam o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)* e poderiam desistir da participação em qualquer altura. O estudo levou cerca de 10 minutos e os participantes entravam no estudo através do *link* para a Plataforma *PCIBex*.

3.4. Procedimentos

⁷ Zehr, J., & Schwarz, F. (2018)

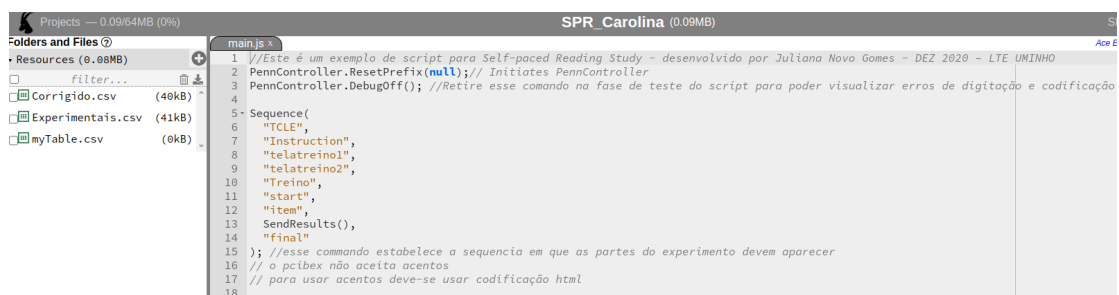
Com o intuito de captar participantes para o experimento, realizamos o compartilhamento do *link*⁸ via redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, conforme ilustra a imagem (Figura 14) abaixo:

Figura 14: Imagem compartilhada nas redes sociais.



Para a execução deste estudo, um experimento foi programado e realizado através da Plataforma *PCibex*, de forma gratuita e de código livre, desenvolvida por Zehr, J., & Schwarz, F. (2018). Esta plataforma é gerenciada pelo *PennController*, da Universidade da Pennsylvania (UPenn), e tem a função de coletar e armazenar os dados de cada participante recrutado para o estudo. A linguagem de programação utilizada foi *JavaScript* (Figura 15).

Figura 15: Painel de controle do *PCibex* escrito em *JavaScript*.



⁸ Disponível em: <https://farm.pcibex.net/p/WwZsRq/> Acesso em 07 jul. 2024.

O estudo consistia nas seguintes etapas:

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

A primeira tela exibida aos participantes era o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, no qual era apresentado o objetivo e os detalhes da pesquisa, além da descrição da tarefa dos participantes e as implicações da participação anônima. Também eram fornecidas informações sobre as pesquisadoras, os contatos e o registro da pesquisa. Ainda, foi enfatizado que a experiência só funcionava corretamente se realizada em um computador e não em um dispositivo móvel. Ao final, solicitava-se ao participante que confirmasse a compreensão do termo e concordasse com a participação voluntária no estudo.

2. Coleta de Dados dos Participantes

Em seguida, os participantes visualizavam uma tela para a coleta de informações sócio-linguístico-demográficas, incluindo: nome, e-mail, idade, gênero, escolaridade, país, vivência fora do país e lateralidade.

3. Instruções

Após coleta dos dados, eram apresentadas as instruções para a realização do estudo e um exemplo demonstrativo.

4. Treino

Com o intuito de familiarizar o participante com o experimento, foi criado um treino com duas frases que não seriam consideradas na pesquisa. Após o treino, o participante dava início ao experimento.

5. Experimento

O experimento consistia na leitura de 56 frases em uma velocidade natural na tela do computador. Para a leitura de cada palavra, o participante precisava pressionar a tecla espaço no teclado. Ao final de cada frase, surgia uma pergunta de compreensão como “Faz sentido?”,

que deveria ser respondida pressionando a tecla C, para SIM e tecla M, para NÃO. Assim que o participante completava a tarefa, os segmentos desapareciam, dando lugar às frases seguintes.

6. Agradecimento e encerramento do experimento.

Ao final do teste, os dados eram salvos e, na tela, surgia um agradecimento pela participação acompanhado de um aviso de que o mesmo já poderia fechar a janela no seu navegador.

Figura 16: Fluxograma da sequência de eventos experimentais apresentados aos participantes do estudo.



Para o desenvolvimento do experimento, foi criado um *script*, e um teste piloto foi realizado previamente ao recrutamento dos participantes para garantir que o programa estava operando corretamente, que não havia erros no *script*, que o uso das teclas estava correto e que os dados estavam sendo registrados de forma adequada no *PClbex*. Além disso, as instruções e os estímulos foram revisados de forma a assegurar a ausência de possíveis erros e a manutenção da clareza das informações fornecidas aos participantes e as obtidas através do experimento. Após o teste piloto, o estudo foi

confirmado. Os dados do teste piloto foram descartados, e, com isso, foi dado início ao recrutamento dos participantes para o teste de estudo.

3.5. Dados Coletados

Neste estudo aferimos os tempos de leitura (RTs) de 42 participantes para observar se o estereótipo de gênero é capaz de influenciar ou não, no referido tempo, em frases escritas em Português Brasileiro (PB).

Focamos nossas análises nas variáveis investigadas: tipo de estereótipo (EM, EN, EF), gênero dos participantes (feminino e masculino) e nacionalidade (brasileira).

A tarefa experimental utilizada na presente pesquisa consiste em aferir o tempo de leitura, ou seja, o custo de processamento por parte dos participantes em cada segmento durante a leitura. Ao final de cada leitura, os participantes responderam uma pergunta de compreensão. As medidas de tempo utilizadas para esta análise referem-se ao tempo de leitura e processamento dos segmentos 5, 7, 8 e 9, verificando o efeito *spillover*⁹ e de *wrap-up*¹⁰.

Os dados descritivos podem ser vistos na tabela abaixo:

Tabela 3: Dados descritivos produzidos no *software* Jamovi utilizando o modelo misto.

⁹ Efeito de transbordamento do processamento. Ou seja, o processamento de um segmento é frequentemente capaz de influenciar o processamento do segmento subsequente e, este efeito pode ser medido através do teste de *SPR*.

¹⁰ Efeito de fechamento da frase: ao final da leitura e processamento de uma frase há um maior esforço cognitivo de integração e interpretação do conteúdo lido.

Descriptives

	Sexo	Estereótipo	Gênero	Segmento	RTs	Acerto
N	Masculino	ef	feminino	5	76	76
				7	75	75
				8	75	75
				9	76	76
			masculino	5	75	75
				7	75	75
				8	75	75
				9	75	75
		em	feminino	5	76	76
				7	76	76
				8	76	76
				9	76	76
			masculino	5	76	76
				7	76	76
				8	75	75
				9	76	76
		neutro	feminino	5	76	76
				7	76	76
				8	76	76
				9	76	76
			masculino	5	76	76
				7	76	76
				8	76	76
				9	76	76
	Feminino	ef	feminino	5	92	92
				7	92	92
				8	92	92
				9	92	92
			masculino	5	92	92
				7	92	92
				8	92	92
				9	92	92
		em	feminino	5	92	92
				7	92	92
				8	92	92
				9	92	92
			masculino	5	92	92
				7	92	92
				8	92	92
				9	92	92
		neutro	feminino	5	92	92
				7	92	92
				8	92	92
				9	92	92
			masculino	5	92	92
				7	92	92
				8	92	92
				9	92	92

Mean	Masculino	ef	feminino	5	538	
				7	508	
				8	546	
				9	498	
			masculino	5	548	
				7	543	
				8	563	
				9	522	
			em	feminino	5	531
					7	492
					8	570
					9	480
		masculino		5	552	
				7	504	
				8	561	
				9	531	
		neutro		feminino	5	610
					7	482
					8	567
					9	496
			masculino	5	547	
				7	505	
				8	541	
				9	524	
	Feminino		ef	feminino	5	619
					7	663
					8	753
					9	676
		masculino		5	595	
				7	615	
				8	748	
				9	575	
		em		feminino	5	667
					7	641
					8	763
					9	627
			masculino	5	643	
				7	567	
				8	637	
				9	608	
			neutro	feminino	5	688
					7	618
					8	666
					9	640
		masculino		5	597	
				7	590	
				8	671	
				9	642	

Standard deviation	Masculino	ef	feminino	5	209
				7	199
				8	281
				9	200
			masculino	5	228
				7	307
				8	325
				9	244
		em	feminino	5	224
				7	220
				8	315
				9	222
			masculino	5	331
				7	213
				8	300
				9	263
		neutro	feminino	5	405
				7	202
				8	290
				9	225
			masculino	5	231
				7	209
				8	251
				9	248
	Feminino	ef	feminino	5	279
				7	415
				8	678
				9	621
			masculino	5	251
				7	344
				8	761
				9	250
		em	feminino	5	347
				7	398
				8	535
				9	511
			masculino	5	308
				7	241
				8	411
				9	429
		neutro	feminino	5	371
				7	400
				8	365
				9	506
			masculino	5	259
				7	306
				8	417
				9	470

Descriptives

	Sexo	Estereótipo	Gênero	Segmento	RTs	Acerto
		neutro	feminino	5	2035	
				7	3341	
				8	2280	
				9	4537	
			masculino	5	1751	
				7	2348	
				8	3139	
				9	3290	

Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos no experimento realizado, apresentando o desempenho de homens e mulheres, levando em consideração o segmento das frases experimentais, os tempos de resposta (RTs) e os índices percentuais de acertos.

Para a análise de RTs, os dados foram coletados e categorizados com base nas condições experimentais, nos estereótipos e segmentos específicos, permitindo uma avaliação detalhada das diferenças de desempenho entre os participantes nas condições estudadas. Conforme previamente mencionado na seção de análise, nos detemos aos segmentos 5, 7, 8 e 9, com relação à congruência de gênero entre o objeto, o pronome, e os estereótipos.

Ao mesmo tempo, os dados referentes aos índices percentuais de acertos consideram frases inteiras, sem levar em consideração seus segmentos internos, já que a análise de estereótipos se dá, nesse caso, em relação ao valor semântico das frases completas, e não de forma parcial.

As seguintes condições foram analisadas quanto ao estereótipo e ao sexo do participante:

- EF Feminino (estímulo feminino, estereótipo feminino).
- EM Feminino (estímulo masculino, estereótipo feminino).
- EF Masculino (estímulo feminino, estereótipo masculino).
- EM Masculino (estímulo masculino, estereótipo masculino).
- Neutro Feminino (estímulo neutro, estereótipo feminino).
- Neutro Masculino (estímulo neutro, estereótipo masculino).

Para tal, foram feitas análises descritivas e modelos estatísticos. Foram rodados os seguintes testes estatísticos: ANOVA e Modelo de Regressão Misto utilizando o *software* de análise Jamovi¹¹.

¹¹ The jamovi project (2024). jamovi (Version 2.5) [Computer Software]. Retrieved from <https://www.jamovi.org>

A partir deste ponto, apresentaremos os dados de resultado e em seguida, na seção de discussão faremos a interpretação dos nossos resultados à luz das nossas hipóteses e previsões.

Os dados estatísticos mostram que:

Há um efeito principal de sexo dos participantes (feminino x masculino) ($F(98.78)$; $p < .001$); de Gênero das frases (EM, EF e EN) ($F(3.69)$; $p < 0,05$) e de segmento da frases (5,7,8,9) ($F(8.24)$; $p < .001$).

Conforme podemos ver na tabela abaixo, não há efeito principal de estereótipo.

Tabela 4: RESULTADOS ESTATÍSTICOS: MODELO MISTO - RTs (Estereótipo * Gênero * Segmento * Acerto) - Análises feitas no *software* Jamovi.

Linear Regression

Model Fit Measures

Model	R	R ²	Overall Model Test			
			F	df1	df2	p
1	0.177	0.0313	16.2	8	4016	<.001

Omnibus ANOVA Test

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	p
Sexo	1.31e+7	1	1.31e+7	98.7826	<.001
Estereótipo	23079	2	11540	0.0867	0.917
Gênero	491742	1	491742	3.6951	0.055
Segmento	3.29e+6	3	1.10e+6	8.2425	<.001
Acerto	451768	1	451768	3.3948	0.065
Residuals	5.34e+8	4016	133078		

Note. Type 3 sum of squares

[3]

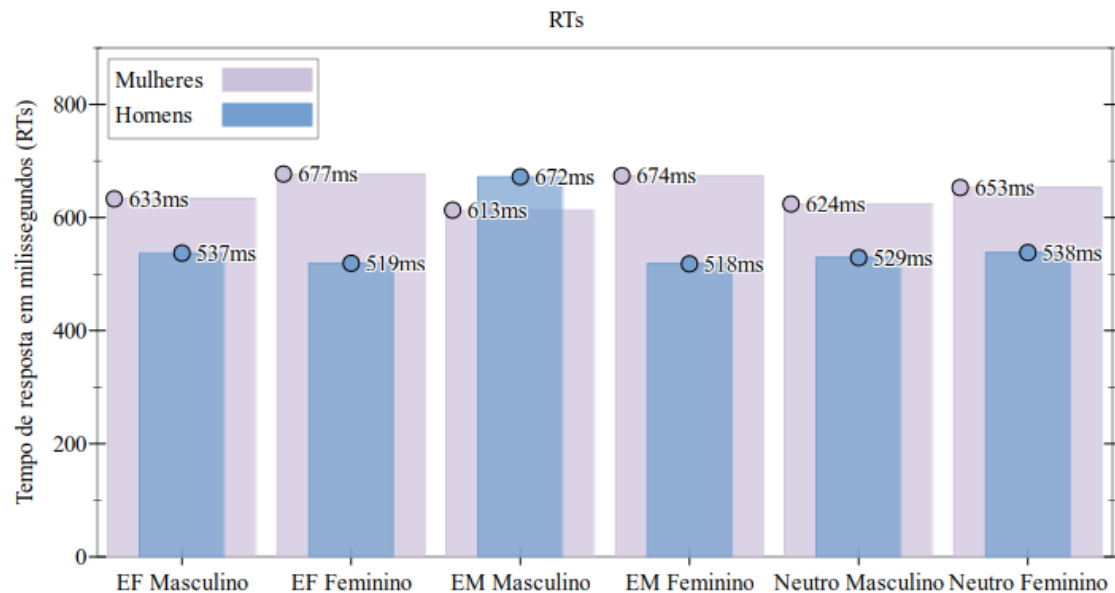
Model Coefficients - RTs

Predictor	Estimate	SE	t	p
Intercept ^a	515.67	16.9	30.439	<.001
Sexo:				
Feminino – Masculino	114.86	11.6	9.939	<.001
Estereótipo:				
ef – em	5.39	14.2	0.379	0.705
neutro – em	4.70	14.3	0.329	0.742
Gênero:				
feminino – masculino	22.26	11.6	1.922	0.055
Segmento:				
7 – 5	-32.68	16.3	-2.010	0.045
8 – 5	40.86	16.3	2.512	0.012
9 – 5	-24.54	16.3	-1.510	0.131
Acerto:				
não – sim	28.44	15.4	1.842	0.065

^a Represents reference level

Média dos tempos de resposta (RTs)

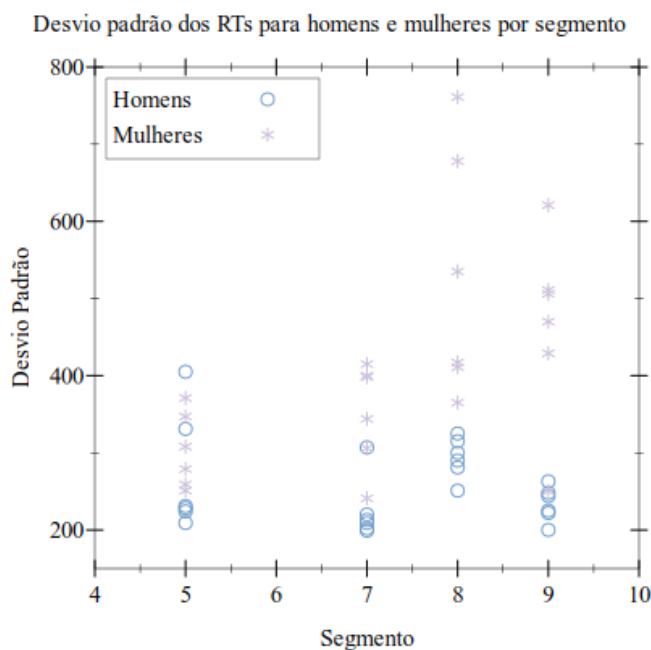
Gráfico 1: Média dos tempos de resposta (RTs).



O gráfico 1 apresenta a média dos tempos de resposta (RTs) para os participantes do sexo feminino (em rosa) e masculino (em azul). Os tempos estão descritos em milissegundos. O gráfico apresenta duas dimensões: o tempo de resposta (ms) e a condição a qual o tempo de resposta se aplica. Observa-se que os participantes do sexo masculino mostram tempos menores em todas as condições, com a exceção da condição "EM Masculino" comparativamente às participantes do sexo feminino. Observa-se que a condição EM foi a condição mais disputada em termos de RTs.

Desvio padrão dos tempos de resposta (RTs)

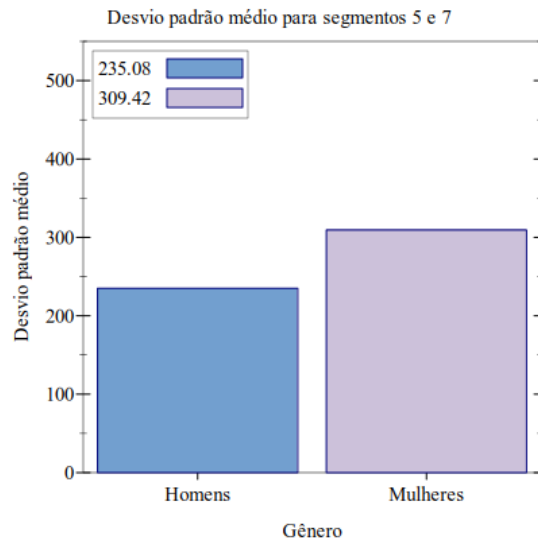
Gráfico 2: Desvio padrão dos tempos de resposta para homens e mulheres, por segmento.



O gráfico 2 apresenta o desvio padrão médio dos tempos de resposta (RTs) para os participantes do sexo feminino e masculino. Somente os segmentos 5, 7, 8 e 9 são considerados. Os demais segmentos (4, 6 e 10) apresentados no gráfico são resultantes da ferramenta utilizada para produzir o gráfico, e não possuem nenhum dado a ser analisado. O gráfico apresenta duas dimensões: o valor do desvio padrão dos tempos de resposta (RTs) e o segmento a qual o tempo de resposta se aplica. Em cada segmento há 6 símbolos correspondentes às 6 condições previamente mencionadas. Os homens são representados por círculos azuis e as mulheres por asteriscos cor-de-rosa. Observa-se os valores elevados do desvio padrão nos segmentos 8 e 9, no caso das participantes mulheres. Os homens não demonstram nenhuma divergência similar. Vale a pena ressaltar que os segmentos finais de uma frase podem sofrer maiores efeitos do acúmulo de efeitos de processamento (*spill-over effect*) e de fechamento de frase (*wrap-up effect*) - como referido nas notas 09 e 10, respectivamente.

Desvio padrão médio para os segmentos 5 e 7

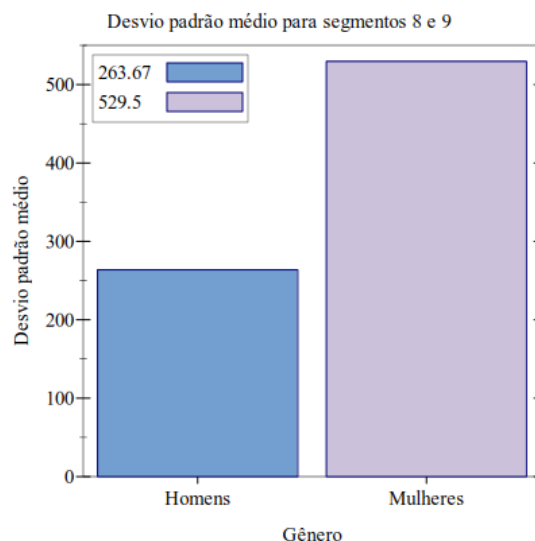
Gráfico 3: Desvio padrão médio para os segmentos 5, 7, 8 e 9.



O gráfico 3 apresenta o valor do desvio padrão médio para os segmentos 5 e 7. Os demais segmentos são desconsiderados. Todas as condições são consideradas igualmente, ou seja, os valores apresentados no gráfico 3 correspondem ao desvio padrão médio de todas as condições, considerando apenas os segmentos 5 e 7. Nenhuma distinção é feita em relação aos segmentos: seus valores foram considerados igualmente para calcular o desvio padrão médio. O gráfico apresenta duas dimensões: o valor do desvio padrão médio e o gênero dos participantes. Observa-se uma diferença de 74.34 ms entre os homens e as mulheres, com as mulheres apresentando o valor mais alto (309.42 ms) em relação aos homens (235.08 ms).

Desvio padrão médio para os segmentos 8 e 9

Gráfico 4: Desvio padrão médio para os segmentos 8 e 9.

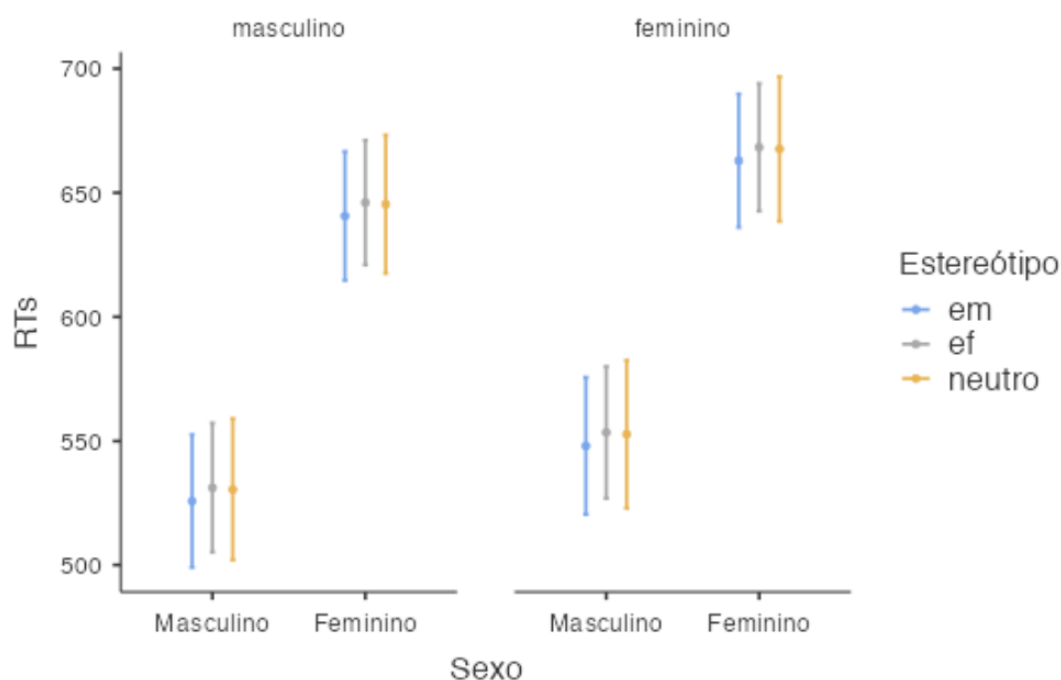


O gráfico 4 apresenta o valor do desvio padrão médio para os segmentos 8 e 9. Os demais segmentos são desconsiderados. Todas as condições são consideradas igualmente, ou seja, os valores apresentados no gráfico 4 correspondem ao desvio padrão médio de todas as condições, considerando apenas os segmentos 8 e 9. Nenhuma distinção é feita em relação aos segmentos: seus valores foram considerados igualmente para calcular o desvio padrão médio. O gráfico apresenta duas dimensões: o valor do desvio padrão médio e o gênero dos participantes. Observa-se uma diferença de 265.83 ms entre os homens e as mulheres, com as mulheres apresentando o valor mais alto (529.5 ms) em relação aos homens (263.67 ms). Este valor indica que há maior variabilidade por parte das mulheres ao considerar os segmentos 8 e 9, e esta diferença é considerável, sendo 3.5 vezes maior do que a diferença apresentada nos segmentos 5 e 7 (conforme o gráfico 3).

O gráfico 5 abaixo resume a comparação estatística entre o sexo dos participantes, o estereótipo ilustrado nas frases e o gênero do pronome da frase.

Gráfico 5: Comparação estatística dos Tempos de Resposta (RTs, ms) entre Sexo * Estereótipo * Gênero.

Sexo * Estereótipo * Gênero



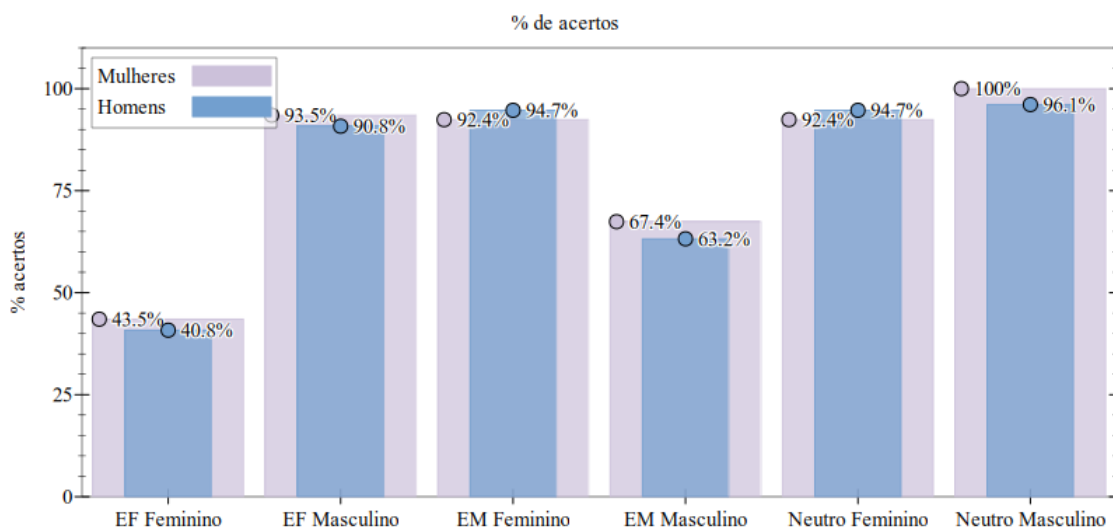
Podemos ver que de maneira geral, os participantes do sexo masculino apresentam RTs menores em comparação com as participantes do sexo feminino. Parece haver uma correlação entre o estereótipo e o gênero do pronome, sendo a condição de estereótipo masculino (EM) com gênero de pronome masculino (Luiza notou Paulo enquanto **ele** fazia a barba no quarto de hotel) é a condição mais rápida, enquanto que a condição de estereótipo feminino (EF) com gênero de pronome feminino (Paulo notou Luiza enquanto **ela** vestia a saia na festa de ontem) é a mais lenta.

De maneira geral, frases com estereótipo masculino são processadas mais rapidamente que as frases com estereótipo neutro ou feminino.

Percentual de acertos

Passemos agora aos percentuais de acertos.

Gráfico 6: Percentual de acertos para cada condição.



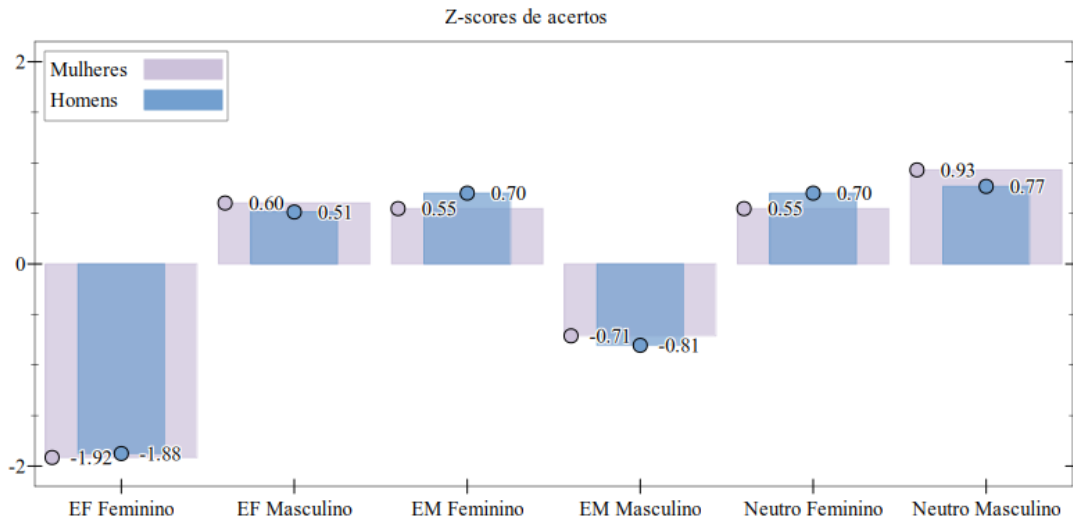
O gráfico 6 apresenta o percentual de acertos para cada uma das condições. O gráfico apresenta duas dimensões: o percentual de acertos e a condição a qual tal percentual se aplica. Também é considerado o gênero dos participantes (participantes masculinos em azul e participantes femininos em rosa).

Como vemos, nenhum dos valores de acerto para as condições "EF Masculino", "EM Feminino", "Neutro Feminino" e "Neutro Masculino" é inferior a 90%.

As mulheres apresentam pontuações ligeiramente mais altas em todas as condições, com exceção de "EM Feminino" e "Neutro Feminino". Observa-se que há duas condições em que todos participantes demonstram uma taxa de acertos proporcionalmente inferior: "EM Masculino" e "EF Feminino". "EM Masculino" apresenta valores em torno de 65%, enquanto "EF Feminino" apresenta valores em torno de 42%.

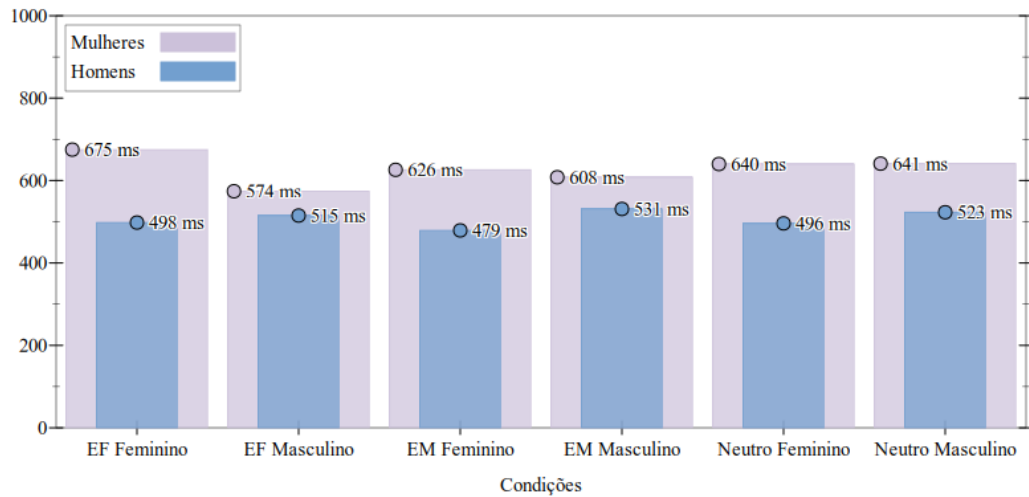
Z-scores de acertos

Gráfico 7: Z-scores de acertos para cada condição.



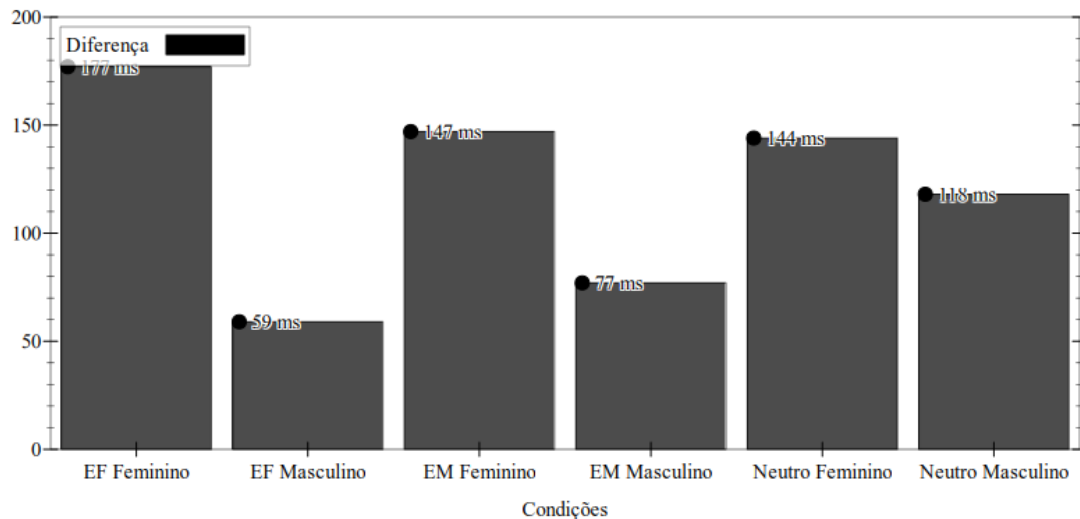
O gráfico 7 apresenta os Z-scores de acertos para cada uma das condições. O gráfico apresenta duas dimensões: o valor do Z-score de acertos e a condição a qual tal valor se aplica. Também é considerado o gênero dos participantes. Os valores apresentados no gráfico 7 estão associados aos valores apresentados no gráfico 6, observando que o cálculo de Z-score tem por objetivo calcular se um determinado valor encontra-se acima ou abaixo da média. O gráfico mostra que os valores das condições "EM Masculino" e "EF Feminino" estão consideravelmente abaixo da média geral de acertos para ambos os gêneros, como havia sido observado no gráfico 6.

Gráfico 8: RTs para o segmento 9.



O gráfico 8 apresenta a média dos tempos de resposta (RTs) para os participantes do sexo feminino e masculino, considerando somente o segmento 9. Este gráfico está associado ao gráfico 4, através do qual foi observada uma maior diferença de desvio padrão médio dos tempos de resposta (RTs) para os segmentos 8 e 9, com as mulheres demonstrando valores 3.5 vezes superiores. O gráfico 8 apresenta duas dimensões: o tempo de resposta e a condição a qual o tempo de resposta se aplica. Observa-se que em todas as condições, as mulheres utilizam mais tempo do que os homens. A condição com a menor diferença entre homens e mulheres é "EF Masculino". "EM Masculino" também apresenta uma diferença pequena. As diferenças são observadas no gráfico 9.

Gráfico 9: Diferença dos RTs entre homens e mulheres no segmento 9.



O gráfico 9 apresenta a diferença dos valores obtidos no gráfico 8. Como em todas as condições as mulheres demonstram utilizar mais tempo, é possível obter as diferenças tendo conhecimento de que as mesmas representam o tempo a mais utilizado pelas mulheres. O gráfico apresenta duas dimensões: o valor da diferença dos tempos de resposta das mulheres em relação aos homens, e a condição na qual a referida diferença foi observada. No gráfico 9 observa-se que duas condições demonstram diferenças abaixo de 100 ms: "EF Masculino" (59 ms) e "EM Masculino" (77 ms). As demais condições apresentam diferenças superiores a 100 ms, nenhuma chegando a 200 ms. A maior diferença é observada em "EF Feminino" (177 ms), e a menor diferença é observada em "EF Masculino" (59 ms).

Discussão

Com base nos resultados e no experimento realizado, buscamos averiguar o processamento de leitura de frases com estereotipia através da metodologia de leitura automonitorada (*SPR*) de frases em Português Brasileiro (PB) em 6 possíveis condições: frases de Estereótipos Masculinos (EM) com objeto masculino, frases de Estereótipos Masculinos (EM) com objeto feminino, frases de Estereótipos Femininos (EF) com objeto masculino, frases de Estereótipos Femininos (EF) com objeto feminino, frases de Estereótipos Masculinos e Femininos (Neutro) com objeto masculino, e frases de Estereótipos Masculinos e Femininos (Neutro) com objeto feminino. Será examinado o tempo de resposta (RTs) e a escolha por parte dos participantes, dos antecedentes para a correferência de pronomes nulos e plenos.

A partir da análise quantitativa e qualitativa da média dos tempos de resposta (Gráfico 1), é possível observar que os participantes do sexo feminino geralmente têm tempos médios de resposta (RTs) mais altos em comparação aos participantes do sexo masculino em quase todas as condições, com exceção da condição “EM Masculino”, onde as mulheres são 59 ms mais rápidas.

Poderíamos pensar que as mulheres são mais atentas e cautelosas na hora de executar uma tarefa de leitura e responder às perguntas de compreensão. Embora não exista na literatura a sugestão de que haja vantagens cognitivas entre homens e mulheres, os nossos dados não são únicos, uma vez que há na literatura a sugestão de que mulheres sejam mais assertivas e apresentem tempos de reação maiores do que os homens em testes de leitura e escrita (Leitão et al, 2022; Roivainen, E., 2011).

As frases com pronomes femininos (EF Feminino, EM Feminino, Neutro Feminino) apresentam RTs estatisticamente maiores, com as mulheres levando consideravelmente mais tempo do que os homens: 158 ms, 156 ms e 115 ms a mais, respectivamente.

Estas diferenças precisam ser melhor analisadas - sendo o PB uma língua de *default* masculino, podemos pensar que a retomada com pronome feminino precise de

mais tempo para ser integrada do que a retomada com pronome masculino; por outro lado, a contradição entre o estereótipo e o pronome de retomada na condição EM Feminino não parece ter sido captada em nosso teste. Nossos dados mostram que as condições de estereótipo masculino são sempre mais rápidas, independente do pronome de retomada e da possível contradição entre o pronome e o estereótipo como podemos verificar nos exemplos “EF Masculino” Leda percebeu Lúcio *enquanto ele ganhava a joia na festa de noivado* e “EM Feminino” Lúcio percebeu Leda *enquanto ela fazia o churrasco na grelha à gás*. Diante desses dados, a pergunta principal seria 'os falantes de PB não percebem a incongruência entre o nome / pronome ou não sofrem mais influência do estereótipo de gênero' - ou seja, pode ser que estejamos a ver o reflexo de uma sociedade mais evoluída em que é possível um homem vestir saia e uma mulher trocar um pneu de carro. Inclusive os dados comparados com as condições neutras não mostram diferenças estatísticas.

Destaca-se, portanto, que além de as mulheres utilizarem consistentemente mais tempo do que os homens, com exceção da já mencionada categoria “EM Masculino”, quando as mulheres têm RTs menores, a diferença é notadamente menor do que quando elas apresentam RTs maiores. A maior diferença estatística de tempo empregado pelas mulheres é de 158 ms, e a maior diferença de tempo empregado pelos homens é de 59 ms.

Estes dados corroboram a ideia de que as mulheres são mais cautelosas porém mais assertivas (ver discussão acima). Portanto, a partir das amostras coletadas e desta análise efetuada, percebe-se que os participantes do sexo feminino geralmente têm tempos de resposta mais altos do que os participantes do sexo masculino, em vários segmentos e estereótipos. Esta tendência é consistente e significativa, sugerindo potenciais diferenças de desempenho com base no gênero.

Os valores dos tempos de resposta são a primeira dimensão a ser avaliada indicando tais diferenças de desempenho, e servem como suposição inicial para evidenciar o papel dos estereótipos de gênero em PB. Com o intuito de fortalecer ainda mais este papel, são feitas duas análises adicionais: desvio padrão e Z-scores dos

tempos de resposta, e a proporção de acertos em relação às expectativas semânticas de cada frase analisada.

O cálculo do desvio padrão tem como propósito mensurar, utilizando um único valor numérico, a variabilidade existente entre os valores que compõem um determinado conjunto de dados. Neste contexto específico, onde homens e mulheres leem segmento por segmento das frases, o desvio padrão nos permite compreender a consistência dos tempos de resposta de cada grupo. Para os homens, o desvio padrão médio foi de aproximadamente 255 milissegundos, indicando uma certa consistência nas respostas. Por outro lado, o desvio padrão médio para as mulheres foi significativamente maior, alcançando cerca de 411 milissegundos. Tal diferença demonstra que, em média, as mulheres apresentam uma maior variabilidade nos tempos de resposta, ou seja, ao comparar o tempo de resposta entre as mulheres, as mesmas demonstram maior variabilidade quando comparadas aos homens.

Referente ao Gráfico 2, é possível observar a diferença na variabilidade dos tempos de resposta entre homens e mulheres. Cada barra no gráfico (5, 7, 8 e 9) corresponde a uma posição preenchida por um determinado segmento em cada frase. Estes segmentos variam entre as frases, mas foram selecionados cuidadosamente para influenciar os participantes a considerarem seu significado semântico com a devida atenção.

Os resultados encontrados demonstram que os referentes localizados na parte da frase mais próxima da retomada anafórica são recuperados mais rapidamente pela memória de trabalho, ou seja, a distância mais curta permite uma compreensão mais rápida, além de demandar um menor tempo.

Cada segmento apresenta 12 pontos, sendo seis círculos azuis para os homens, e seis asteriscos vermelhos para as mulheres. Apresenta-se seis pontos, pois há seis condições em análise: EF Feminino, EF Masculino, EM Feminino, EM Masculino, Neutro Feminino e Neutro Masculino. É notável perceber que os círculos azuis dos homens estão mais agrupados, indicando menor variação para os participantes deste sexo. Já os asteriscos vermelhos estão mais dispersos, mostrando maior variação. Isso

evidencia que, de forma geral, as mulheres têm maior variabilidade nos tempos de resposta se comparadas aos homens, conforme já havia sido mencionado. Destaca-se também, que nos segmentos 8 e 9, observamos uma variabilidade significativamente maior nos desvios padrão das mulheres, indicando uma maior variabilidade nas respostas, uma maior discordância entre as participantes ao analisar estes segmentos em particular. Aqui, pode-se observar a diferença entre os segmentos 5 e 7 utilizando o gráfico 3, enquanto os segmentos 8 e 9 são representados no gráfico 4. Há uma diferença muito menor entre os desvios padrões presentes nos segmentos 5 e 7, quando comparados aos segmentos 8 e 9. Este fato sugere que as mulheres tendem a refletir mais a respeito destes segmentos em particular, e a comparação com os segmentos 5 e 7 demonstra que, de fato, o comportamento associado aos segmentos 8 e 9 não se deve simplesmente ao ato de ler, compreender, e avançar para a próxima palavra, caso contrário, todos segmentos avaliados pelas mulheres teriam RTs similares.

Em virtude dos segmentos 8 e 9 demonstrarem maior variabilidade nos RTs, consideramos interessante comparar os tempos de resposta entre homens e mulheres, com foco em um segmento específico. Para tanto, optamos por explorar o segmento crítico (segmento 9), pois tal segmento contém o sintagma verbal que tem forte relevância semântica com a informação estereotipada. Portanto, buscamos investigar a influência desta informação no processamento da frase. O gráfico 7 compara os RTs em milissegundos para homens e mulheres, em todas as condições, mas refere-se somente ao segmento 9.

Vemos que, assim como na média total, no segmento 9, as participantes mulheres levam mais tempo neste segmento do que os participantes homens, independentemente da condição de estereótipo da frase. O gráfico 8 mostra especificamente a diferença entre as mulheres e homens, fornecendo um ponto de vista mais detalhado.

Destaca-se, ainda, que embora as mulheres consistentemente utilizem mais tempo para ler e interpretar este segmento, as condições de estereótipo feminino (EF

Feminino, EM Feminino, Neutro Feminino) também demandam mais tempo do que as respectivas condições masculinas. Esta observação nos faz entender que, embora exista uma diferença nos tempos de resposta entre homens e mulheres, esta diferença é mais pronunciada em frases de condição feminina, ou seja, há mais concordância entre homens e mulheres ao analisar frases de condição masculina.

A seguir, avaliamos o desempenho de homens e mulheres em diferentes categorias, com base em percentuais e *Z-scores* de acertos. Os dados são apresentados em dois gráficos: o gráfico 5 apresenta a porcentagem de acertos para cada grupo de gênero em várias categorias (EF Feminino, EF Masculino, EM Feminino, EM Masculino, Neutro Feminino e Neutro Masculino), e o gráfico 6 apresenta os *Z-scores* correspondentes. O objetivo é identificar padrões e diferenças de desempenho entre os gêneros nas diversas categorias avaliadas.

Como é possível verificar na maioria das categorias, as mulheres tendem a ter um percentual de acertos ligeiramente maior do que os homens, exceto em EM Feminino e Neutro Feminino, onde os homens têm desempenho melhor.

Os *Z-scores* servem o propósito de demonstrar quantos desvios padrões um determinado dado está em relação à média. Ou seja, enquanto o desvio padrão tem como propósito representar numericamente como os dados se distanciam em relação à média, os *Z-scores* servem para comunicar se um determinado dado encontra-se acima ou abaixo da média, representando, assim, a média com o valor zero. Nesta análise em particular, os *Z-scores* mostram uma tendência semelhante, com as mulheres geralmente tendo pontuações melhores, exceto em EM Feminino e Neutro Feminino, onde se distanciam mais da média do que os valores apresentados pelos homens.

A condição Neutro Masculino mostra o maior percentual de acertos para ambos os gêneros, enquanto EF Feminino mostra os menores percentuais de acertos para ambos os gêneros. Os *Z-scores* indicam que ambos os gêneros têm desempenho acima da média nas condições EF Masculino, EM Feminino, Neutro Feminino e Neutro Masculino. Ambos os gêneros têm desempenho abaixo da média nas condições EF

Feminino e EM Masculino, com os homens tendo um pior desempenho em EM Masculino, e as mulheres tendo um pior desempenho em EF Feminino. No geral, as mulheres tendem a ter percentuais de acertos e *Z-scores* ligeiramente maiores na maioria das condições, indicando um desempenho melhor em comparação aos homens. No entanto, os homens têm desempenho melhor em EM Feminino e Neutro Feminino.

Diante dos dados analisados, observa-se que, em condições onde o estímulo e o estereótipo são os mesmos (EF Feminino e EM Masculino), há um percentual de acertos menor, tanto para homens, como para mulheres. Em contrapartida, onde o estímulo e o estereótipo são opostos (EM Feminino, EF Masculino, Neutro Feminino e Neutro Masculino), os percentuais de acertos são elevados, em nenhuma situação sendo inferiores a 90%. Acreditamos que isto se deve ao fato do estímulo e o estereótipo iguais induzirem os participantes a duvidarem de sua própria interpretação semântica das frases, em uma tentativa consciente de diminuir e atenuar seus próprios preconceitos. No caso dos participantes homens, há outro indicador de que isso tenha ocorrido: a condição EM Masculino é a única que demonstra um tempo de resposta médio acima de 600 milissegundos, diferindo de todas as demais.

Considerando os dados, destacamos que ambos homens e mulheres apresentaram percentuais de acertos consideravelmente maiores em EM Masculino (67.4% e 63.2%), do que em EF Feminino (43.5% e 40.8%), ficando evidente uma maior tendência para o preenchimento da posição de sujeito nulo com o uso do pronome pessoal “ele” em estudos de *corpus* em Português Brasileiro (PB).

Também foi possível verificar que há uma tendência por parte das participantes mulheres a refletir com mais cautela diante do significado semântico de cada frase em relação a seu estereótipo. O fato de utilizarem um pouco mais de tempo pode ter contribuído para que seu percentual de acerto fosse ligeiramente mais alto.

Considerações Finais

A presente pesquisa buscou averiguar a relação existente entre os estereótipos de gênero e o processamento de frases em Português Brasileiro (PB), a partir dos dados normados previamente (Leitão et al, 2022). Analisamos se e como os estereótipos de gêneros influenciam o processamento da correferência entre um nome e um pronome. Este é um tema novo e até a publicação deste trabalho, havia poucos trabalhos abordando o tema da estereotipia no processamento linguístico. Alguns desses nos serviram de embasamento teórico para aprofundarmos as reflexões e delimitarmos a presente pesquisa. Tal pesquisa faz parte da Psicolinguística Experimental cujo estudo busca compreender empiricamente a aquisição, a produção e a compreensão da linguagem. Com ela foi possível realizarmos um experimento a fim de averiguarmos como os fenômenos linguísticos são realizados pelos indivíduos, considerando suas habilidades além dos sistemas de memória que utilizam e se informações extralinguísticas, como o mencionado estereótipo de gênero, são capazes de interferir no processamento anafórico sintático.

Utilizamos um método experimental denominado leitura automonitorada, também chamado de leitura autocadenciada (Oliveira et al, 2022) e *self-paced reading (SPR)*, em inglês, cuja técnica utilizada para a aferição das respostas é realizada *on-line*.

Para a realização do experimento utilizamos estruturas frásicas com a ordem subordinante/subordinada, como por exemplo (i) Lúcio percebeu Leda *enquanto ela ganhava a joia na festa de noivado*, comparando frases como (i), em que o estereótipo de gênero não interfere na retomada do nome, DP objeto, e frases, como (ii) Lúcio percebeu Leda *enquanto ela fazia o churrasco na grelha à gás*; em que o estereótipo contradiz a retomada do objeto e, frases neutras, como (iii) Lúcio percebeu Leda *enquanto ela bebia a água no copo de metal*. Importante mencionar que na primeira oração foram sempre introduzidos dois nomes próprios com funções sintáticas diferentes e gêneros diferentes, um atuando como sujeito e o outro, como objeto. Na oração subordinada, tínhamos sempre uma adverbial temporal introduzida pelo

conectivo “enquanto” e retomadas anafóricas ao DP objeto que poderiam ou não sofrer influência do estereótipo proposto.

De uma maneira geral, verificamos que há uma diferença entre homens e mulheres, no que diz respeito ao tempo de leitura (RTs) das frases: os participantes de sexo masculino são significativamente mais rápidos no julgamentos das frases (nas três condições estudadas e nos diferentes segmentos) do que as participantes mulheres. Além disso, com relação ao índice de acertos, as mulheres apresentam, em geral, um maior percentual.

As análises entre os estereótipos Feminino e Masculino (EF x EM) mostram que as condições em que o estereótipo é masculino (EM: “*fazer a barba*”) independentemente da correferência nome/pronome apresentam tempos de leitura menores quando comparados com EF: “*vestir saia*”. O estereótipo neutro é o mais rápido nas outras comparações.

Além disso, na comparação entre os participantes, o sexo parece ser um fator relevante. Os resultados mostram que as mulheres têm tempos de leitura mais longos do que os homens. Assim como Leitão et al (2022), nós interpretamos estes resultados com “uma maior atenção aos detalhes”, uma vez que as mulheres mostram índices de acertos maiores correlacionados com tempos de leitura maiores. Ou seja, as mulheres parecem demorar mais para ler e portanto, possuem índices de acertos maiores; enquanto os homens parecem demorar menos e errar mais.

Por outro lado, parece haver uma maior variabilidade por parte das participantes mulheres em relação aos tempos de resposta. Interpretamos esta variação como consequência de uma maior reflexão individual. As mulheres parecem ler com maior cautela cada segmento da frase - independentemente do estereótipo e da correferência (nome/pronome). Seguindo esta tendência, há uma indicação de que este fenômeno seria ainda maior se a pesquisa abarcasse um número maior de participantes. Por isso este dado precisa ser melhor examinado através de estudos mais aprofundados.

Em vista dos resultados analisados, uma vez que as diferenças encontradas dizem respeito ao tipo de estereótipo e ao sexo dos participantes, não somos capazes de analisar diretamente a influência da informação de estereótipo no processamento da correferência entre nome/pronome. Ou seja, as diferenças encontradas parecem dizer respeito às relações de mundo experienciadas por nossos participantes e, influenciadas pela diferença na percepção de mundo entre homens e mulheres. Porém estas informações não parecem ter influenciado diretamente o processamento anafórico - as diferenças foram encontradas independentemente do tipo de anáfora.

Esta conclusão coloca algumas reflexões importantes para trabalhos futuros:

(i) Segundo alguns modelos de processamento *bottom-up*, as informações extralinguísticas não seriam capazes de interferir no processamento sintático. Isto porque a integração destas informações é posterior ao processamento sintático;

(ii) Os estímulos criados contém frases sintaticamente bem formadas - a informação sobre o estereótipo seria apenas capaz de influenciar a interpretação final. O que não foi observado com clareza;

(ii) O *design* experimental é capaz de mostrar diferenças nos tempos de leitura de cada segmento nas condições e grupos estudados. Entretanto, a resolução da anáfora nome/pronome é anterior ao sintagma estereotipado. Isto pode ter dificultado a detecção de diferenças sutis no processamento.

As conclusões listadas servem para desdobramentos futuros, que são fortemente recomendados pelos autores. Uma vez que esta é uma área de investigação recente e, muito importante para o entendimento da cognição da linguagem e das suas interfaces de processamento.

Assim, a partir da metodologia aqui utilizada foi possível traçar um processo objetivo de quantificação da teoria originalmente proposta. Tal metodologia demonstrou-se eficaz e precisa durante as fases de coleta e análise de dados, proporcionando uma maior certeza e segurança para desenvolver a análise linguística abordada.

Dessa forma, acreditamos ter realizado um trabalho significativo ampliando a pesquisa sobre expressões anafóricas em PB dentro do campo do processamento linguístico. Contudo, consideramos a pesquisa incipiente, especialmente no que diz respeito ao número de participantes. Ressaltamos que há um longo caminho a percorrer, uma vez que nenhum estudo é conclusivo, mas os resultados obtidos nos permitiram chegar a resultados enriquecedores. Nesse sentido, consideramos imprescindível a continuação deste estudo, ampliando e aprofundando as conclusões até aqui obtidas.

Referências Bibliográficas

Araújo, E. M. (2017) *Processamento correferencial da expressão “ele(a) mesmo(a)” e “ele(a) próprio(a)” em português brasileiro*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba]. João Pessoa. Repositório Institucional da Universidade da Paraíba. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12052>

Ariel, M. (1990) *Accessing noun-phrases antecedents*. Reimpressão, Nova Iorque: Routledge, 2014.

Ashmore, R. D., & Del Boca, F. K. (1979) Sex stereotypes and implicit personality theory: Toward a cognitive–social psychological conceptualization. *Sex Roles: A Journal of Research*, 5(2), 219-248. <https://doi.org/10.1007/BF00287932>

Beaugrande, R. de. (1997) *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. Norwood: Ablex publishing corporation.

Campos, L. A. M., Marins, J. S., Ramos, M. C. N., Silva, J. C. T., Oliveira, T. M. A. e Behar, C. (2021) O que são estereótipos? What are stereotypes? *Ciência Atual - Revista Científica Multidisciplinar da UniSãJosé*. Vol. 17(2) 1-12. <https://revista.saojose.br/index.php/cafsj/article/view/520#:~:text=Atualmente%2C%20pode%20ser%20definido%20como,%2C%20Cogni%C3%A7%C3%A3o%20Social%2C%20Cren%C3%A7as%20compartilhadas>

Chomsky, N. (1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.

Coutinho, M. A. (2004/2005) Gramática textual do Português. In: <http://www2.fcsh.unl.pt/cadeiras/texto/Sobre%20OTs.pdf>

Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estereotipo/>

Houaiss, A.; Villar, M. de S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Duarte, M. E. L. (1995) *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp.
<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/99179>

Duffy, S. A., & Keir, J. A. (2004). Violating stereotypes: Eye movements and comprehension processes when text conflicts with world knowledge. *Memory & Cognition*, 32(4), 551–559. <https://doi.org/10.3758/bf03195846>

Fonseca, M. C. M.; Guerreiro, E. (2012) Resolução de Correferência Pronominal no Português do Brasil. *Revista Linguística*. Vol. 8, número 2, dezembro de 2012, Rio de Janeiro. <http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>

Gil, A. C. (2007) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Halliday, M. A. K. & Hasan, R. (1976) *Cohesion in English*. Londres, Longman.

Hora, K. F. P. N. A. (2014) *O Processamento da Correferência Pronominal Anafórica em Estruturas Complexas do Português Brasileiro*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Repositório Institucional da Universidade. <https://ppglinguistica.lettras.ufrj.br/document/o-processamento-da-correferencia-pronominal-anaforica-em-estruturas-complexas-de-portugues-brasileiro/>

Hora, K., Luegi, P., Maia, M. & Costa, A. (2019) Resolução de pronomes em posição de sujeito em orações completivas na retoma de antecedentes em SNs complexos: estudo comparativo entre Português Brasileiro e Português Europeu. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*. 5 (Nov. 2019), 207–224. DOI:<https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a15>.

Koch, I. V. (1994) *A coesão textual*. (Repensando a língua portuguesa). 7. ed. São Paulo: Contexto.

Koch, I. V. (2004) *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto.

Lawall, R., Maia, M. & Amaral, L. (2012) Resolução pronominal com antecedentes sobrecomuns e comuns de dois gêneros em Português Brasileiro como

língua materna, língua de herança e como segunda língua. In: *Revista Linguística*. 2005, v. 8. n. 2. Semestral. Rio de Janeiro.
<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>

Leitão, M. M. (2008). *Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem*. In: Martelotta, M. (org.) *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto.

Leitão, M. M.; Simões, A. B. G. (2011) A influência da distância no processamento correferencial de pronomes e nomes repetidos no português brasileiro. *Veredas*, v. 15, p. 262-272.
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/issue/view/1201>

Leitão, M. M. (2015) Processamento Anafórico. In: Maia, M. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. p. 45-58. São Paulo: Editora Contexto.

Leitão, M. M.; Gomes, J. N.; Ventura, L. M.; Maia, M. e Flores, C. (2022) Avaliação de estereótipos de gênero em Português Brasileiro e Português Europeu. *Psicolinguística: diversidades, interfaces e aplicações*. 1ª edição, 191-212. Editora Contexto.

Leitão, M. M., Bezerra, G. B., & Brito, D. B. S. de. (2014). Restrições da Teoria da Ligação e o processamento da correferência pronominal em dois estágios. In: *Cadernos de Letras da UFF*, 24(49). <https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2014n49a8>

Luegi, P.; Costa, A.; Maia, M. (2014) Processamento e Interpretação de Sujeitos Nulos e Plenos em Português Europeu e em Português do Brasil. In: *Cadernos de Letras da UFF*, 49, 67-88. <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/29914/1/7-14-1-SM.pdf>

Marcuschi, L. A. (2008) *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola.

Oliveira, C. S. F. (2020). Métodos on-line em psicolinguística: a tarefa labirinto (maze task). *Cadernos de Tradução*, 40, 217–248.
<https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40nesp2p217>

Oliveira, C. S. F., Sá, T. M. M. (2022). *Métodos experimentais em psicolinguística*. 1. ed. São Paulo: Editora Pá de Palavra.

Oliveira, C. S. F., Marcilese M., Leitão, M. M. (2022). Leitura Autocadenciada (com e sem labirinto): histórico e reflexões metodológicas. In: *Métodos experimentais em psicolinguística*. 1. ed. São Paulo: Editora Pá de Palavra.

Pereira, M. E. (2002) *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EPU.

Roivainen, E. (2011). Gender differences in processing speed: A review of recent research. *Learning and Individual differences*, 21(2), 145-149. <https://doi.org/10.1016/j.lindif.2010.11.021>

Salgado, A. P. M. A. & Ichijo, K. R. (2022) Técnicas experimentais e a pesquisa sobre a linguagem. *Revista Gatilho*, v. 22, n. 1, (122-139). Juiz de Fora. <https://doi.org/10.34019/1808-9461.2022.v22.35111>

Severi, F. C. (2016) Justiça em uma perspectiva de gênero: elementos teóricos, normativos e metodológicos. *Revista Digital de Direito Administrativo*, v.3, no 3, p.2, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/issn.2319-0558.v3i3p574-601>

Silva, C. R. T., Brito, D. B. S. (2012) Teoria da Vinculação. In: Ferrari-Neto, J. Silva, C. R. T. *Programa Minimalista em Foco: princípios e debates*. - 1. ed. p. 195-214, Curitiba.

Soares, N. L. S., Duarte, M. S. M & Holanda, K. A. P. (2020) Estruturalismo, gerativismo e funcionalismo: novas perspectivas para o ensino de gramática da língua portuguesa na escola. E-book I CONEIL - Vol 02. Campina Grande: Realize Editora. 218-230.

http://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/coneil/2020/ebook1/TRABALHO_COМПЛЕТО_EV144_MD2_SA100_ID549_31082020221531.pdf

Souza, A. C. D., Franzen, B. A., & Schlichting, T. D. S. (2019). Método na pesquisa psicolinguística sobre leitura: técnicas de coleta de dados. *Fórum Linguístico*, 16(2), 3849–3860. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n2p3849>

Teixeira, E. N.; Fonseca, M. C. M.; SOARES, M. (2014). Resolução do pronome nulo em Português Brasileiro: Evidência de movimentação ocular. In: VEREDAS: *Sintaxe das Línguas Brasileiras*, v. 18/1, Fortaleza. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19812/1/2014_art_enteixeira.pdf

The jamovi project (2024). jamovi (*Version 2.5*) [*Computer Software*]. Disponível em <https://www.jamovi.org>

Zehr, J., & Schwarz, F. (2018). PennController for Internet Based Experiments (IBEX). <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/MD832>

Anexos

Lista de frases experimentais:

1. Cássio reparou Lígia enquanto ela jogava o bilhar na noite de terça.
2. Cássio reparou Lígia enquanto ela escovava o dente na pia do banheiro.
3. Cássio reparou Lígia enquanto ela limpava a casa da sogra na folga.
4. Lígia reparou Cássio enquanto ele jogava o bilhar na noite de terça.
5. Lígia reparou Cássio enquanto ele escovava o dente na pia do banheiro.
6. Lígia reparou Cássio enquanto ele limpava a casa da sogra na folga.
7. Igor observou Thais enquanto ela cortava o cabelo em casa na pandemia.
8. Igor observou Thais enquanto ela tirava a poeira dos móveis da sala.
9. Igor observou Thais enquanto ela construía a casa na Serra de Petrópolis.
10. Thais observou Igor enquanto ele cortava o cabelo em casa na pandemia.
11. Thais observou Igor enquanto ele tirava a poeira dos móveis da sala.
12. Thais observou Igor enquanto ele construía a casa na Serra de Petrópolis.
13. Lúcio percebeu Leda enquanto ela ganhava a joia na festa de noivado.
14. Lúcio percebeu Leda enquanto ela fazia o churrasco na grelha à gás.
15. Lúcio percebeu Leda enquanto ela bebia a água no copo de metal.
16. Leda percebeu Lúcio enquanto ele ganhava a joia na festa de noivado.
17. Leda percebeu Lúcio enquanto ele fazia o churrasco na grelha à gás.
18. Leda percebeu Lúcio enquanto ele bebia a água no copo de metal.
19. Rubem reparou Telma enquanto ela contou o caso na praça da vila.
20. Rubem reparou Telma enquanto ela usava o salto na festa de ontem.
21. Rubem reparou Telma enquanto ela martelava o prego na parede da oficina.
22. Telma reparou Rubem enquanto ele contou o caso na praça da vila.
23. Telma reparou Rubem enquanto ele usava o salto na festa de ontem.
24. Telma reparou Rubem enquanto ele martelava o prego na parede da oficina.
25. Paulo notou Luiza enquanto ela vestia a saia na festa de ontem.
26. Paulo notou Luiza enquanto ela fazia a barba no quarto de hotel.
27. Paulo notou Luiza enquanto ela comia a maçã no café da manhã.

28. Luiza notou Paulo enquanto ele vestia a saia na festa de ontem.
29. Luiza notou Paulo enquanto ele fazia a barba no quarto de hotel.
30. Luiza notou Paulo enquanto ele comia a maçã no café da manhã.
31. Fábio reparou Clara enquanto ela serrava a madeira na obra do prédio.
32. Fábio reparou Clara enquanto ela tirava a foto na piscina do hotel.
33. Fábio reparou Clara enquanto ela usava o vestido na missa da igreja.
34. Clara reparou Fábio enquanto ele serrava a madeira na obra do prédio.
35. Clara reparou Fábio enquanto ele tirava a foto na piscina do hotel.
36. Clara reparou Fábio enquanto ele usava o vestido na missa da igreja.
37. Oscar olhou Mara enquanto ela comprava a calça no bazar da igreja.
38. Oscar olhou Mara enquanto ela passava a roupa da filha na tábua.
39. Oscar olhou Mara enquanto ela pegava o peixe no lago do parque.
40. Mara olhou Oscar enquanto ele comprava a calça no bazar da igreja.
41. Mara olhou Oscar enquanto ele passava a roupa da filha na tábua.
42. Mara olhou Oscar enquanto ele pegava o peixe no lago do parque.
43. Breno avistou Júlia enquanto ela comia o bolo no lanche da tarde.
44. Breno avistou Júlia enquanto ela consertava o fogão na casa da sogra.
45. Breno avistou Júlia enquanto ela comprava a bolsa na loja do bairro.
46. Breno avistou Júlia enquanto ela bebia o whisky na noite de sábado.
47. Júlia avistou Breno enquanto ele comia o bolo no lanche da tarde.
48. Júlia avistou Breno enquanto ele consertava o fogão na casa da sogra.
49. Júlia avistou Breno enquanto ele comprava a bolsa na loja do bairro.
50. Júlia avistou Breno enquanto ela bebia o whisky na noite de sábado.
51. Carlos observou Laura enquanto ela fazia a bainha na calça do terno.
52. Carlos observou Laura enquanto ela serrava a tábua na obra do prédio.
53. Carlos observou Laura enquanto ela calçava o sapato na loja do centro.
54. Laura observou Carlos enquanto ele fazia a bainha na calça do terno.
55. Laura observou Carlos enquanto ele serrava a tábua na obra do prédio.
56. Laura observou Carlos enquanto ele calçava o sapato na loja do centro.

57. Alex avistou Isis enquanto ela levantava o peso no treino da academia.
58. Alex avistou Isis enquanto ela comia o peixe na praia da Barra.
59. Alex avistou Isis enquanto ela passava o rímel na festa de Natal.
60. Isis avistou Alex enquanto ele levantava o peso no treino da academia.
61. Isis avistou Alex enquanto ele comia o peixe na praia da Barra.
62. Isis avistou Alex enquanto ele passava o rímel na festa de Natal.
63. Hugo avistou Mara enquanto ela cheirava as flores na banca de manhã.
64. Hugo avistou Mara enquanto ela trocava o óleo do carro na garagem.
65. Hugo avistou Mara enquanto ela guardava o papel na gaveta da mesa.
66. Mara avistou Hugo enquanto ele cheirava as flores na banca de manhã.
67. Mara avistou Hugo enquanto ele trocava o óleo do carro na garagem.
68. Mara avistou Hugo enquanto ele guardava o papel na gaveta da mesa.
69. Igor avistou Clara enquanto ela comprava as rosas na loja de flores.
70. Igor avistou Clara enquanto ela pingava o colírio no filho do meio.
71. Igor avistou Clara enquanto ela fazia a chapinha no salão de beleza.
72. Clara avistou Igor enquanto ele fazia a chapinha no salão de beleza.
73. Clara avistou Igor enquanto ele comprava as rosas na loja de flores.
74. Clara avistou Igor enquanto ele pingava o colírio no filho do meio.
75. Davi percebeu Laís enquanto ela cortava a lenha no quintal de casa.
76. Davi percebeu Laís enquanto ela tomava o banho de chuva no jardim.
77. Davi percebeu Laís enquanto ela passava o batom no salão de festa.
78. Laís percebeu Davi enquanto ele passava o batom no salão de festa.
79. Laís percebeu Davi enquanto ele cortava a lenha no quintal de casa.
80. Laís percebeu Davi enquanto ele tomava o banho de chuva no jardim.
81. Mauro observou Olga enquanto ela pintava o quadro na aula de artes.
82. Mauro observou Olga enquanto ela enrolava o doce na festa do filho.
83. Mauro observou Olga enquanto ela assistia a luta no clube de manhã.
84. Olga observou Mauro enquanto ele assistia a luta no clube de manhã.
85. Olga observou Mauro enquanto ele pintava o quadro na aula de artes.

86. Olga observou Mauro enquanto ele enrolava o doce na festa do filho.
87. Tadeu avistou Norma enquanto ela cortava a grama do jardim de casa.
88. Tadeu avistou Norma enquanto ela enchia o balão na festa de 2 anos.
89. Tadeu avistou Norma enquanto ela passava a sombra no espelho do corredor.
90. Norma avistou Tadeu enquanto ele passava a sombra no espelho do corredor.
91. Norma avistou Tadeu enquanto ele cortava a grama do jardim de casa.
92. Norma avistou Tadeu enquanto ele enchia o balão na festa de 2 anos.
93. Bento notou Nina enquanto ela chamava o táxi na porta do trabalho.
94. Bento notou Nina enquanto ela dava a mamadeira no berço do quarto.
95. Bento notou Nina enquanto ela dirigia o caminhão na ponte de Niterói.
96. Nina notou Bento enquanto ele dirigia o caminhão na ponte de Niterói.
97. Nina notou Bento enquanto ele chamava o táxi na porta do trabalho.
98. Nina notou Bento enquanto ele dava a mamadeira no berço do quarto.
99. Mario assistiu Josi enquanto ela fazia o discurso na empresa de RH.
100. Mario assistiu Josi enquanto ela fazia a ioga na academia do bairro.
101. Mario assistiu Josi enquanto ela assava a picanha na brasa no quintal.
102. Josi assistiu Mario enquanto ele assava a picanha na brasa no quintal.
103. Josi assistiu Mario enquanto ele fazia o discurso na empresa de RH.
104. Josi assistiu Mario enquanto ele fazia a ioga na academia do bairro.
105. Marcio assistiu Luma enquanto ela lavava a roupa no tanque da área.
106. Marcio assistiu Luma enquanto ela calibrava o pneu no posto ontem.
107. Marcio assistiu Luma enquanto ela comprava o livro no centro da cidade.
108. Luma assistiu Marcio enquanto ele comprava o livro no centro da cidade.
109. Luma assistiu Marcio enquanto ele lavava a roupa no tanque da área.
110. Luma assistiu Marcio enquanto ele calibrava o pneu no posto ontem.
111. Pedro olhou Márcia enquanto ela bordava a toalha na sala de casa.
112. Pedro olhou Márcia enquanto ela lavava o carro na garagem da firma.
113. Pedro olhou Márcia enquanto ela cortava a unha na sala de casa.
114. Márcia olhou Pedro enquanto ele cortava a unha na sala de casa.

115. Márcia olhou Pedro enquanto ele bordava a toalha na sala de casa.
116. Márcia olhou Pedro enquanto ele lavava o carro na garagem da firma.
117. Cláudio notou Ester enquanto ela comia o pavê na noite de Natal.
118. Cláudio notou Ester enquanto ela jogava o buquê da noiva no chão.
119. Cláudio notou Ester enquanto ela socava o rosto do homem no bar.
120. Ester notou Cláudio enquanto ele socava o rosto do homem no bar.
121. Ester notou Cláudio enquanto ele comia o pavê na noite de Natal.
122. Ester notou Cláudio enquanto ele jogava o buquê da noiva no chão.
123. Enzo olhou Fani enquanto ela fumava o charuto na esquina da rua.
124. Enzo olhou Fani enquanto ela assistia o filme no sofá da sala.
125. Enzo olhou Fani enquanto ela fazia a janta na noite de sábado.
126. Fani olhou Enzo enquanto ele fazia a janta na noite de sábado.
127. Fani olhou Enzo enquanto ele fumava o charuto na esquina da rua.
128. Fani olhou Enzo enquanto ele assistia o filme no sofá da sala.
129. Ivan assistiu Bela enquanto ela costurava a meia na cadeira de balanço.
130. Ivan assistiu Bela enquanto ela virava a laje na sala de casa.
131. Ivan assistiu Bela enquanto ela pegava o ônibus na porta do trabalho.
132. Bela assistiu Ivan enquanto ele pegava o ônibus na porta do trabalho.
133. Bela assistiu Ivan enquanto ele costurava a meia na cadeira de balanço.
134. Bela assistiu Ivan enquanto ele virava a laje na sala de casa.
135. Bruno assistiu Lara enquanto ela pregava o botão na roupa dos filhos.
136. Bruno assistiu Lara enquanto ela domava o leão no circo de novo.
137. Bruno assistiu Lara enquanto ela tocava o piano no salão do hotel.
138. Lara assistiu Bruno enquanto ele tocava o piano no salão do hotel.
139. Lara assistiu Bruno enquanto ele pregava o botão na roupa dos filhos.
140. Lara assistiu Bruno enquanto ele domava o leão no circo de novo.